

REVISTA NACIONAL DE REABILITAÇÃO

REAÇÃO

PESSOA COM DEFICIÊNCIA E DIVERSIDADE ASSISTIVA



MODA E BELEZA

Estética Plural: quando a moda reconhece todas as pessoas com deficiência como referência de beleza

Ano XXIX
ED. Nº 166
Abril / Maio
(Junho)
2026



ESPECIAL
NISSAN
FRONTIER



LONGEVIDADE



Por que utilitários
não tem direito
a isenção para PcD?

Cuidado com
a super gripe



**Uma ferramenta de acessibilidade e
inclusão social para empresas que queiram
conectar-se com pessoas surdas.**

"Sou muito grato ao ICOM
por me ajudar a romper as
barreiras da comunicação."

Diego de Lima
Curitiba/PR

✉ contato-icom@ame-sp.org.br



Eliana Naete - Intérprete de LIBRAS



A Revista Nacional de Reabilitação - REAÇÃO é uma publicação bimestral da C & G 12 Editora Ltda

Telefone (PABX):(11) 3873-1525

www.revistareacao.com.br
contato@revistareacao.com.br

Diretor Responsável – Editor
Rodrigo Antonio Rosso

Administração e Financeiro
Patrícia Regina

Diagramação
Woow Marketing 360°

Consultores Técnicos
Renato Baccarelli
Suely Carvalho de Sá Yanez
Romeu Sasaki (In Memoriam)
Carlos Roberto Perl (In Memoriam)

Colaboradores
Kelly Freymann
Celise Melo
Kica de Castro
Bruno Oliveira de Carvalho
Igor Lima
Fabiano D'agostinho
Guto Maia
Ana Lúcia de Oliveira
Salomão Jr
Sérgio Taldo
Marcos Freitas
Hermes Oliveira
Roberto Rios
Sabrina Daniela
Andrea Bussade
Lúcia Figueiredo
Rodolfo Sonnewend
Valmir de Souza
Márcia Gori
Thierry Marcondes
Marta Gil

Capa/Foto: Kica de Castro

Tiragem: 10 mil exemplares

Redação, Comercial e Assinaturas:
adm@cg12.com.br

É permitida a reprodução de qualquer matéria ou artigo publicado na REVISTA REAÇÃO – Revista Nacional de Reabilitação – desde que seja citada a fonte.

*Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião deste veículo, sendo assim, é de responsabilidade exclusiva de seus autores.

APOIO:



@revistareacao



@revistareacao

EDITORIAL

Um ano atípico para os interesses do nosso setor

Este ano de 2026 está sendo atípico. Sem que nem percebêssemos já se foram 6 meses deste ano, e de uma forma tão rápida, que muita gente sequer desmanchou seus enfeites do Natal passado. Estamos vivendo um ano pouquíssimo produtivo em todos os sentidos. Vamos lá: quantos se deram conta que em 2026 temos 10 feriados nacionais? Isso sem contar com os chamados “pontos facultativos” e as “emendas”. Só no segundo semestre serão mais seis feriados. Isso sem contar que a partir de agora, teremos a Copa do Mundo de Futebol 2026!

AH... mas a Copa é no México, EUA e Canadá. Sim, é. Só que o Brasil fica praticamente engessado. O país inteiro para. É como se fosse um verdadeiro estado de letargia. E o pior é que este ano a Copa tem 48 seleções e vai durar 40 dias. Nossa seleção brasileira, sempre favorita para a conquista do título, desta vez está desacreditada, fraca, sem muita esperança de voltar com o “caneco” para casa, mas mesmo assim, mesmo que o Brasil não se classifique para a final, em nosso país o futebol é futebol.

Na sequência da Copa vem o tal “recesso parlamentar” em Brasília/DF. Diferente dos seres humanos mortais comuns, os políticos tiram férias 2 vezes por ano e um desses períodos de parada vai até o final de julho. E nosso segmento, que depende tanto do apoio e movimentação dos deputados e senadores, e que tem tantas demandas para serem resolvidas e dependendo deles, ficará inerte até agosto.

Mas a coisa não para por aí não. Em outubro tem eleições para presidente, deputados federais e estaduais, senadores e para governadores também. E querendo ou não, a corrida para a campanha eleitoral já começou desde o ano passado, só que, “oficialmente”, a campanha pega fogo mesmo a partir de agosto. Ou seja, aqueles que estão na política, definitivamente, só estarão pensando em se eleger, ou o pior, em se reeleger. Isso significa que, de 1 de agosto a 4 de outubro – data que acontecerá o 1º turno – não acontecerá nada de útil no Brasil. Só que terá ainda, o 2º turno no dia 25 de outubro.

E como de costume, após concretizadas as Eleições 2026, teremos pelo menos uns 10 dias onde só se discutirão os resultados do pleito. Ou seja: as coisas só vão ser retomadas em novembro. E para melhorar ainda mais a situação do nosso País, neste ano “tão produtivo”, em novembro teremos mais 3 feriados: finados, proclamação da República e Consciência Negra.

Que maravilha! Chegará então dezembro... será que tudo que “deixou” de ser feito durante o ano inteiro, como a regulamentação definitiva da Reforma Tributária, por exemplo, será publicada em dezembro, ainda antes do Natal? Afinal, a transição da reforma, na teoria, seria de 2026 até 2033, mas na prática, terá efeitos concretos e diretos em muitas coisas que dizem respeito ao nosso segmento já a partir de janeiro de 2027. E aí? Como fica isso?

Sinceramente eu não sei. Não sei nem se fica para ser sincero com todos vocês. São tantas incertezas em nosso país que é difícil prever como será o cenário depois de amanhã, “quicá” em 2027.

O que posso fazer neste momento é só desejar a Todos Nós, que Deus nos abençoe e que olhe pelo povo brasileiro. E que seja feita a sua vontade. E que ela venha de encontro com o que nosso segmento precisa, de preferência.

Boa sorte e até a próxima edição!



Rodrigo Rosso
Diretor/Editor

“Ouve, Senhor, a justiça; atende ao meu clamor;... Faze maravilhosas as tuas beneficências, ó tu que livras aqueles que em ti confiam dos que se levantam contra a tua destra.”
Salmos 17:1 e 7



Associação Rainha da Paz: 25 anos de um trabalho de excelência



essenciais. Atua com voluntariado, voluntariado corporativo, financiamento de projetos, doações de itens para bazares.

O atendimento da Rainha da Paz não se limita ao município onde está instalada, pelo contrário, ela atende cerca de 19 cidades, desenvolvendo programas de habilitação, reabilitação e assistência socioassistencial, contando com atendimentos médicos, odontológicos, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, nutrição e oficinas terapêuticas, sempre com foco na promoção da autonomia, dignidade e qualidade de vida. E tudo isso com excelência, e o mais importante, sem cobrar nada. Inclusive com refeição para todos durante o dia todo nos atendimentos em seu refeitório. Tudo de forma gratuita !

Ao longo de sua trajetória, a instituição conquistou reconhecimento nacional, figurando entre as 100 melhores ONGs do Brasil e recebendo selos e certificações que atestam sua transparência, responsabilidade social e excelência na gestão.

Com atuação pautada no amor, no cuidado e na inclusão, a Rainha da Paz segue ampliando seus serviços e fortalecendo parcerias com a sociedade, empresas e veículos de comunicação, com o objetivo de transformar vidas e promover um futuro mais acessível e humano.

São centenas de pessoas atendidas semanalmente na Rainha da Paz, vindas de diversas cidades do entorno da capital paulista. O carinho, amor, envolvimento e compromisso de todos os profissionais, funcionários e voluntários da instituição com os atendidos, são a marca da Rainha da Paz. Os números de atendimentos e serviços assistenciais da instituição nesses 25 anos de atividade impressionam. Artistas famosos, principalmente da música sertaneja, ajudam a Rainha da Paz com doações de shows para a manutenção dos serviços e também com doações para obras estruturais, como salas de atendimento, piscina, entre outros.

Associação Beneficente Comunidade de Amor Rainha da Paz é uma organização sem fins lucrativos que atua no acolhimento, atendimento e reabilitação de pessoas com deficiência, oferecendo suporte também às suas famílias. A entidade tem um compromisso com o cuidado e a inclusão na região metropolitana de São Paulo/SP.

Fundada em agosto de 2001, completando 25 anos de atuação, a instituição tem sede na cidade de Santana de Parnaíba/SP e atende crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, por meio de serviços gratuitos e especializados.

Tudo começou com um grupo de voluntários da Paróquia Bom Pastor de Alphaville, e hoje, são cerca de 500 atendidos com: brinquedoteca, hidroterapia, equoterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, nutrição, serviço social, odontologia, oficina ortopédica, fisioterapia e muito mais.

A Rainha da Paz é mantida através de doações de empresários e da comunidade, com programa de apadrinhamento, nota-fiscal paulista, doações espontâneas e de produtos



Oficina Ortopédica

A Rainha da Paz mantém em suas instalações, um serviço essencial para a promoção da mobilidade, conforto e segurança das pessoas com deficiência atendidas pela instituição: a oficina ortopédica.

Sob responsabilidade do setor de Terapia Ocupacional, a oficina realiza a adaptação, manutenção e cuidados com cadeiras de rodas e cadeiras de banho, assegurando que os equipamentos estejam sempre adequados às necessidades individuais dos assistidos. Além disso, são confeccionadas órteses para membros superiores, contribuindo para o posicionamento adequado, funcionalidade e prevenção de deformidades.

O trabalho da Oficina Ortopédica integra o cuidado terapêutico oferecido pela Rainha da Paz, reforçando o compromisso com a reabilitação, a autonomia e a melhoria da qualidade de vida dos assistidos. São profissionais dedicados a oferecer o melhor para todas as pessoas com deficiência de acordo com suas necessidades específicas, com equipamentos e materiais de primeira linha.

Projeto João de Barro promove moradia digna e acessível

Um dos trabalhos realizados pela instituição e que enche de orgulho toda comunidade e os parceiros que ajudam a manter a Rainha da Paz é o “Projeto João de Barro”. Ele tem como objetivo promover melhorias habitacionais e acessibilidade nas residências das famílias atendidas pela instituição.

O projeto conta com a atuação voluntária de engenheiros e arquitetos que realizam avaliações técnicas e executam reformas e adaptações nas casas, garantindo mais segurança, funcionalidade e qualidade de vida às pessoas com deficiência.

As intervenções incluem adequações estruturais, adaptações de acessibilidade e reorganização dos espaços, respeitando as necessidades específicas de cada família. E reúne voluntárias que orientam as famílias sobre os cuidados com o lar, organização dos ambientes e manutenção das adaptações realizadas, fortalecendo o cuidado contínuo e a autonomia das famílias.

O “Projeto João de Barro” reforça o compromisso com a dignidade, o acolhimento e a inclusão social, indo além do atendimento clínico e alcançando o ambiente familiar.

Oficinas terapêuticas

As oficinas terapêuticas da Rainha da Paz desempenham um papel fundamental no processo de reabilitação e inclusão social das pessoas com deficiência atendidas pela instituição.

Por meio de atividades planejadas e conduzidas por pro-



fissionais qualificados, as oficinas estimulam habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais, respeitando o ritmo e as potencialidades de cada assistido. Além dos benefícios terapêuticos, as oficinas promovem convivência, expressão, criatividade e fortalecimento de vínculos, contribuindo para a autoestima e o bem-estar dos participantes.

Atendimento integrado em terapias e serviços

A Rainha da Paz oferece um atendimento integrado e humanizado por meio de terapias especializadas e serviços socioassistenciais voltados a pessoas com deficiência e suas famílias. A instituição atua com uma equipe multiprofissional, garantindo acompanhamento contínuo e individualizado, respeitando as necessidades, potencialidades e o contexto social de cada assistido. Entre as terapias oferecidas estão fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia e atendimentos nas áreas médica e odontológica, além de acompanhamento nutricional e oficinas terapêuticas, que contribuem para o desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social.

No campo socioassistencial, a Rainha da Paz desenvolve ações de acolhimento, orientação, escuta qualificada e fortalecimento de vínculos familiares, promovendo o acesso a direitos, a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida das famílias atendidas. Os serviços são articulados de forma integrada, permitindo que o cuidado ultrapasse o espaço clínico e alcance a realidade cotidiana dos assistidos, considerando aspectos físicos, emocionais e sociais.

As mães tem atenção especial

Enquanto os filhos com deficiência passam pelas terapias e acompanhamentos, as mães tem oportunidade e aprender e desenvolver habilidades que podem ajudar na manutenção e sustento de suas famílias. A Rainha da Paz oferece oficinas e cursos de artesanato e culinária, como pintura, bordado, reciclagem e até uma padaria e confeitaria, onde as mães em situação de vulnerabilidade social aprendem a produzir e gerar renda para a família. Tudo que é produzido pelas mães, pode ser vendido na própria sede da Rainha da Paz ou em bazares e feiras promovidos pela instituição ou em que a Rainha da Paz participa. Todo valor obtido com as vendas volta diretamente para cada mãe que produziu cada peça. Tudo com muita transparência e compromisso. 🌐



O riso que cuida: voluntariado, infância, deficiência e dignidade nos hospitais



Hospitais costumam ser associados à dor, à espera e à incerteza. Para crianças com deficiência, esses espaços assumem uma dimensão ainda mais complexa: são ambientes onde o corpo é constantemente examinado, onde a rotina é interrompida e onde a infância, muitas vezes, precisa ser colocada em suspenso.

Para as famílias - sobretudo aquelas que acompanham longas internações - o hospital deixa de ser apenas um local de cuidado médico e passa a ser também um território de resistência emocional.

É nesse cenário que o voluntariado hospitalar se revela essencial. Iniciativas como os “Doutores da Alegria” e tantos outros projetos sociais, transformam corredores frios em espaços de afeto, riso e humanidade.

O riso como ferramenta terapêutica

Do ponto de vista médico e psicológico, o riso e a alegria não são elementos acessórios. Estudos apontam que experiências positivas contribuem para a redução do estresse, da ansiedade e até

da percepção da dor. Em crianças hospitalizadas, especialmente aquelas com deficiência, o contato com atividades lúdicas e interações afetivas favorece a adesão ao tratamento, melhora o humor e fortalece a relação com o ambiente hospitalar.

O riso, nesse contexto, não nega a gravidade da situação. Ele cria pausas necessárias para que a criança possa ser, ainda que por alguns minutos, apenas criança. Ao vestir um nariz vermelho ou ao transformar um exame em brincadeira, o voluntário não apenas diverte: ele reconhece a subjetividade daquela criança, reafirma sua dignidade e rompe, ainda que momentaneamente, com a lógica exclusivamente clínica do hospital.

A atuação voluntária vai além da criança no leito. Ela alcança diretamente as famílias, que muitas vezes vivem uma rotina extenuante dentro do hospital. São horas de espera, noites mal dormidas, preocupações constantes e uma tensão emocional permanente.

Na prática, são essas mulheres - hoje amplamente reconhecidas como “mães atípicas” - que sustentam o cuidado cotidiano das crianças com deficiência

durante longos períodos de internação. São elas que permanecem ao lado do leito, que atravessam madrugadas em claro, que administram o medo, a exaustão e a esperança ao mesmo tempo.

Pequenos gestos, grandes impactos

A leitura de livros para crianças hospitalizadas, por exemplo, estimula a imaginação, fortalece vínculos e contribui para o desenvolvimento cognitivo, especialmente importante para crianças com deficiência que enfrentam longos períodos de internação.

A distribuição de água, frutas e biscoitos também carrega um significado que vai além da alimentação. Para muitas mães, essas doações representam, não raras vezes, a única refeição do dia. São mulheres que acordam de madrugada, saem correndo para o hospital e, em meio às dificuldades financeiras, muitas vezes não têm sequer o dinheiro da passagem ou para uma alimentação adequada. Esses gestos, embora simples, garantem dignidade, acolhimento e sobrevivência.

Deficiência, direitos humanos e acessibilidade atitudinal

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas, incorporada ao ordenamento jurídico brasileiro com status constitucional, estabelece que as pessoas com deficiência têm direito ao mais alto padrão possível de saúde, sem discriminação, bem como ao respeito à sua dignidade, autonomia e participação social.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei Nº 13.146/2015) reforça esse compromisso ao afirmar que a acessibilidade não se limita a barreiras físicas, abrangendo também dimensões comunicacionais, institucionais e atitudinais. Nesse sentido, o voluntariado hospitalar desempenha um papel fundamental

na promoção da acessibilidade atitudinal, ao combater o capacitismo, humanizar relações e reconhecer a pessoa com deficiência como sujeito de direitos.

O riso, o afeto, a escuta e a presença são formas concretas de acessibilidade. Elas criam ambientes mais inclusivos, reduzem o sofrimento psíquico e fortalecem a autonomia emocional das crianças e de suas famílias.

Valorizar o voluntariado é valorizar a vida

Reconhecer, apoiar e fortalecer iniciativas voluntárias que atuam nos hospitais não é um gesto de boa vontade, mas um compromisso ético com a dignidade das crianças com deficiência e de suas famílias. Esses projetos não substituem o dever do Estado, mas revelam, com sensibilidade e coragem, as lacunas existentes e a urgência de políticas públicas mais humanas e inclusivas.

Em um ambiente marcado por procedimentos, protocolos e diagnósticos, o voluntariado lembra algo essencial: cuidar também é sorrir, escutar e acolher.

Valorizar o voluntariado é, portanto, valorizar a vida em sua forma mais plena - aquela que reconhece que dignidade, afeto e cuidado caminham juntos, mesmo nos momentos mais difíceis. Meu eterno agradecimento para o voluntariado do nosso Brasil. 🌱



Igor Lima
é advogado
(OAB/RJ), Pós-Graduado em
Direitos Humanos
e Pós-Graduando

em Direito Ambiental, ESG e Sustentabilidade e Gestão de Departamento Jurídico. Membro da Comissão de Direitos da Pessoa com Deficiência da OAB, palestrante e escritor, com obra lançada no STJ, citada no STF e utilizada como referência em processos seletivos no Brasil. Atua em palestras no MPRJ, UERJ, UFRJ e outras instituições de renome. Voluntário no IN Movimento Inclusivo e referência nacional na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, acessibilidade, inclusão e direitos humanos.
E-mail: igorlimadc@gmail.com

Rodas da Inclusão: basquete, cultura e inclusão em um só lugar



O “Rodas da Inclusão” marcou o primeiro grande projeto institucional da ACALME – associação de pessoas com deficiência do noroeste paranaense – viabilizado por meio de edital, consolidando uma importante conquista para a associação e para toda a comunidade regional.

O evento aconteceu no dia 16 de maio de 2026, no Ginásio de Esportes Horley Casali, das 14h às 19h. A iniciativa foi promovida pela ACALME – Associação dos Lesados Medulares de Campo Mourão/PR, com apoio do time de basquete em cadeira de rodas, da Prefeitura Municipal, da Secretaria de Esportes, do Comitê de Paradesporto e do Centro Universitário Integrado.

Graças ao apoio das empresas parceiras e ao patrocínio recebido, o “Rodas da Inclusão” foi realizado com sucesso e recebeu elogios das autoridades presentes. “O evento marca uma importante parceria com a Itaipu, e esperamos que ela seja duradoura para futuros projetos”, destacou o presidente da ACALME - José Benedito Moreira.

A proposta do “Rodas da Inclusão” foi reunir, em um só espaço, diferentes atividades voltadas às pessoas com deficiência, seguindo o modelo de grandes feiras inclusivas realizadas em outras regiões do Brasil.

As próprias PcD foram protagonistas da programação, realizando apresentações artísticas e expondo produções culturais e artesanais. Entre os destaques estiveram o livro “Um Motorista Especial de Carreta”, de minha autoria - Hermes Oliveira - as miniaturas de veículos produzidas artesanalmente por Ademir Aparecido Freitas; as apresentações do artista Gabriel Vitor; e a participação do sanfoneiro Saul Alves.

O público também contou com espaços de atendimento, orientação e acolhimento. Também ocorreram apresentações esportivas com o time de basquete em cadeira de rodas “Coiotes” - coordenado pelo Professor Elcio Souza. O evento aconteceu no ano em que a ACALME celebra seus 10 anos. 🌱



Hermes Oliveira
é paraplégico,
cadeirante, ex-
piloto de Parakart,
taxista, autor do
livro Um Motorista

Especial de Carreta, administrador de empresas, 1º Secretário Associação ACALME de Campo Mourão/PR, executivo da Loovi Seguros e pré-candidato a vereador pela cidade de Boa Esperança/PR.
Email: hermes50silva@gmail.com



Voltar a ter esperança de voltar a andar ?

lisados e restabelecer a sensibilidade de membros e órgãos afetados.

Já os exoesqueletos estão passando por uma revolução nos últimos anos. Esse campo está deixando de ser apenas um experimento de laboratório para se tornar uma ferramenta de reabilitação e autonomia real. A integração de Inteligência Artificial (IA) e novos materiais transformou essas “armaduras” em dispositivos muito mais leves e funcionais e os avanços são extraordinários.

O maior salto recente é o controle por sinais neurológicos. Em vez de apertar botões, o usuário “pensa” no movimento. Sistemas como o HAL - Hybrid Assistive Limb - já utilizam sensores na pele que detectam bio-sinais elétricos muito fracos enviados pelo cérebro aos músculos. Ou mesmo de partes do corpo que possam servir como controladores do equipamento. Por exemplo: pequenos movimentos nos ombros podem servir para movimentar as pernas. É claro que isso exigirá muito treino até que o cérebro aprenda tais comandos, mas depois se tornará algo praticamente automático. Outro avanço relevante é o uso da Inteligência Artificial para atuar como um “tradutor”, filtrando o ruído dos sensores e prevendo a intenção do usuário em milissegundos, o que torna o caminhar muito mais fluido e natural.

Antigamente, os exoesqueletos eram pesados e limitados a hospitais. Atualmente, o uso de materiais como titânio e termoplásticos biodegradáveis tornou as estruturas mais leves e resistentes. Um marco recente é a criação de modelos “encolhidos” para crianças a partir de 2 anos (com paralisia cerebral, por exemplo), permitindo que a reabilitação comece no período crítico de desenvolvimento motor.

Existem também os “soft suit”, dispositivos que utilizam tecidos inteligentes e cabos motorizados. Eles não sustentam todo o peso, mas fornecem a “força extra” necessária para quem tem fraqueza muscular, sendo quase invisíveis sob a roupa.

Embora a tecnologia tenha avan-

çado e já seja uma realidade comercial, o custo ainda é um desafio. No entanto, há algumas informações bastante animadoras: redes como a Lucy Montoro (SUS) e centros de referência como CTECVIDA (Politécnica/USP, UNESP, EESC, UFSCar e outras) têm sido pioneiras com essa tecnologia de ponta via sistema público ou parcerias de pesquisa. Outro ponto a ser considerado é que já existem empresas que oferecem “aluguel” ou leasing de exoesqueletos para aplicação industrial para tornar o custo mensal mais viável do que a compra integral (que pode custar dezenas de milhares de dólares).

Nesses novos dispositivos, a IA faz o ajuste de força dinâmico. Se o usuário está cansado, o robô aplica 100% de força; se começa a recuperar o movimento o robô diminui a assistência automaticamente para “forçar” o músculo a trabalhar.

Importante

No caso dos exoesqueletos, é necessário treinamento e, muitas vezes, supervisão especializada. Se o joelho ou o quadril não atingem a extensão total (180°) o motor do robô encontra uma resistência física que pode impedir seu funcionamento ou causar fraturas ou lesões na pele. Na medicina regenerativa, existe

Os avanços médicos e tecnológicos são muitos, mas não devemos confundir com expectativa. Antes de explorar minhas considerações, é importante compreender alguns avanços importantes: a solução médica/bioquímica – a Polilaminina – e a solução eletromecânica/robótica (exoesqueletos). Enquanto um tenta “consertar a fiação”, o outro fornece a “infraestrutura externa”.

A Polilaminina é uma substância experimental brasileira, desenvolvida pela UFRJ em parceria com o Laboratório Cristália, fruto de um trabalho de pesquisa magnífico liderado pela Dra. Tatiana Sampaio. Sua promessa é revolucionária: atuar como uma “pista” ou trilho molecular. Imagine os axônios (prolongamentos dos neurônios) como viajantes perdidos em um labirinto sem saída. A polilaminina cria um caminho, permitindo que esses axônios cresçam sobre ela para atravessar a área lesionada. Ela os guia através da lesão e restabelece a transmissão de sinais entre o cérebro e o corpo, e vice-versa. Ela é essencial para restaurar a capacidade de mover membros para-



o fenômeno da disestesia. Com a regeneração dos nervos, eles podem se conectar de forma disfuncional.

Só que esses avanços não funcionarão para muitas pessoas que hoje vivem com a condição de deficiência física. Nem eu me enquadrando nesse cenário. E isso não é pessimismo. Não é ceticismo vazio. É realismo científico. A compreensão honesta do que a ciência atual pode e não pode fazer.

A Polilaminina ainda está em fases iniciais de estudos clínicos em humanos. Não é um tratamento disponível ou amplamente comprovado. É uma promessa, não uma realidade consolidada. Do outro lado, os exoesqueletos já são uma realidade comprovada e funcional, inclusive no Brasil, mas seus custos ainda são um impeditivo.

A Polilaminina e o Exoesqueleto não funcionam para mim

Há 24 anos, quando recebi o diagnóstico de paraplegia completa nível T2, depois de ser vítima de um assalto e levar um tiro, não havia Polilaminina, tampouco se falava sobre exoesqueletos. No entanto, algo que veio a ser muito mais valioso: a compreensão de que minha vida poderia ser plena, significativa e feliz, mesmo que meu corpo nunca voltasse a caminhar. Além de minha medula ter sido completamente seccionada entre as vértebras T2 e T3, o calor da bala a derreteu. Dada a complexidade da lesão, provavelmente, nem se a Polilaminina tivesse sido aplicada nas primeiras horas em mim, haveria o resultado esperado.

Então eu poderia pensar: “espero que os exoesqueletos fiquem baratos logo”. Mas, no meu caso, eles também não funcionarão. Minhas pernas não têm um bom alongamento. Ou melhor dizendo, elas não esticam mais, resultado de anos sem ortostatismos, sem fisioterapia ou exercícios de alongamento. Há 4 anos voltei a fazer fisioterapia regularmente. Uma vez por semana, eu fico “em pé”, por meio de um equipamento ortostático (stand table). Mesmo assim, elas ficam ligeiramente dobradas. Além disso, tenho encurtamento dos nervos de perna e tronco. Ou seja, nenhum exoesqueleto seria capaz de me levantar ou me manter em pé.

Procedimentos invasivos, cirurgias experimentais e tratamentos não

comprovados carregam riscos reais. Muito cuidado com “promessas infalíveis de cura”.

A expectativa pode ser nociva

Quando amarramos nossa felicidade a um resultado que talvez nunca se concretize pode ter um impacto muito ruim. Ao dizermos: “só serei feliz quando a polilaminina me curar” ou “Minha vida só terá valor

se eu voltar a andar.”

Eu tenho esperança de que a polilaminina esteja difundida e os exoesqueletos acessíveis no futuro. Talvez em 5 anos, talvez em 50, talvez menos, talvez mais. Quem sabe? Mas não espero que isso aconteça. Minha felicidade, meu propósito, minha dignidade não estão condicionados a isso. Estão aqui, agora, neste corpo, nesta vida.

Essa é a diferença entre viver com esperança e viver preso em expectativa. Então, o que posso dizer para alguém com algum tipo de deficiência física é: se você tem a esperança de voltar a andar, saiba que



Excelência no atendimento a entidades do Terceiro Setor

**ÁREA CONTÁBIL JURÍDICA
FISCAL RECURSOS HUMANOS**

- ✓ ESPECIALIZADO NO ATENDIMENTO A ENTIDADES SEM FINS LUCRATIVOS
- ✓ ESTRUTURA COMPLETA E MULTIDISCIPLINAR
- ✓ PLATAFORMAS AVANÇADAS ONLINE PARA CONTRATOS, CONVÊNIOS E OUTRAS LICITAÇÕES
- ✓ ORIENTAÇÃO EM PROJETOS A NÍVEL NACIONAL E SUPORTE PARA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Rua Apucarana, 759
Tatuapé - Cep 03311-000
São Paulo/SP
PABX: (11) 20952088



(11) 95128-8905

A2Office®

contador@a2office.com.br

www.a2office.com.br

POR Fabiano D'Agostinho

é necessário cuidar do seu corpo o melhor possível, agora. Pois se ele não estiver íntegro, nenhum avanço científico ou tecnológico poderá ajudar! Seja feliz com o que você tem nesse momento, pois o amanhã é incerto e o “se” é um grande inimigo.

Viva plenamente agora

A Polilaminina pode ser um avanço importante para algumas pessoas, o exoesqueleto pode ser perfeito para outras. Mas é necessário ter a ciência que elas podem não trazer o resultado esperado. Sua vida é valiosa agora. Sua felicidade não precisa estar condicionada a algo que talvez nunca aconteça, ou que, se acontecer, pode não ser o que você espera.

Tenha esperança. Acompanhe a pesquisa. Contribua para ela, se puder. Mas não amarre sua vida a ela. Mantenha seu corpo seguro. Mantenha sua saúde mental intacta.

Porque, no final, o que importa não é o corpo que você poderia ter, mas a vida que você está vivendo agora. A qualidade das suas relações. O significado que você cria. O impacto que você tem no mundo. A paz que você cultiva em seu coração.

Avance, apesar dos obstáculos, com esperança, não com expectativa. Na certeza de que sua vida, exatamente como ela é agora, já é valiosa. 🌊



Fabiano D'Agostinho

é um peregrino criativo de 49 anos, cadeirante desde os 26, apaixonado pelo potencial humano. Mentor, escritor e consultor, é formado em Tecnologia Elétrica pelo Mackenzie, pós-graduado em Administração de Marketing pela FAAP,

com extensão em Administração de Negócios e Gerenciamento de Projetos na UC Berkeley (USA). Tem passagem por empresas nacionais, internacionais e multinacionais.

Site: www.fabsdago.com.br
Redes Sociais: @fabsdago

Londres recebe a 13ª Assembleia em comemoração aos 70 anos da Associação dos Pintores com a Boca e os Pés



A cidade de Londres na Inglaterra recebeu a 13ª assembleia em comemoração aos 70 anos da Associação dos pintores com a boca os pés pelo mundo, onde aconteceu a eleição do novo presidente. Participaram do evento na capital inglesa, presidentes, diretores, artistas plenos e os artistas associados de várias regiões do mundo.

E quem não poderia faltar nessa comemoração foi o grande artista plástico brasileiro – Gonçalo Borges, morador da

zona leste da capital paulista – que há 57 anos faz parte da associação pintando com a boca e os pés e é um dos mais renomados e conhecidos, não só no Brasil, como também no mundo pelas suas obras cheias de cor e exuberância.

Só no Brasil são 57 artistas no Brasil que fazem parte desta fantástica entidade internacional, conquistando respeito, dignidade, profissionalismo e sucesso.

A Associação dos Artistas que Pintam com a Boca e os Pés foi fundada em 1956, por Erich Stegmann, um artista que desenhava, pintava e fazia esculturas em madeira com a boca. Aos poucos, na Europa, foram se associando mais artistas com habilidades de pintar com a boca e os pés, e ao longo do tempo, a organização foi se espalhando entre outros artistas de todas as partes do mundo. Eles foram sendo associados e hoje, a Associação tem membros em 69 países e já conta com 740 artistas pelo mundo. Também vieram as editoras, para divulgar e vender os produtos frutos das artes, como: cartões, calendários, tags para presentes e outros.

Com a venda dos produtos pelas editoras, recursos financeiros são enviados para a Associação e ela, por sua vez, repassa parte desses recursos, pagando mensalmente, em forma de bolsa de estudos, todos os participantes da entidade ao redor do mundo.

A sede da Associação está localizada no Principado de Liechtenstein, na Suíça.

No Brasil, a Pintores com a Boca e os Pés está localizada em São Paulo/SP, no bairro de Moema. Para conhecer mais, acesse o site: www.apbp.com.br 🌊





A reversão dos fatos

Há muitos anos, ouvi uma história com o objetivo de mostrar o lado positivo de cada ação. A história falava das atividades de um quartel.

Cada dia os soldados se revezavam nas tarefas para manter o ambiente limpo, seguro, saudável e produtivo. Alguns estavam na cozinha, outros montavam guarda, outros faziam manutenções e outros aplicados na faxina. Dessa última atividade, a faxina, todos detestavam. Ninguém gostava de limpar e varrer o pátio, pois era enorme e sempre cheio de folhas, papéis e muitas outras quinquilharias.

Todos odiavam a faxina, com exceção do novo recruta, um rapaz alegre que com boa vontade e uma criatividade típica daqueles que sabem e pensam no que estão fazendo, colocou uma ponteira - tipo fisga - na extremidade de uma vara e saiu a executar sua tarefa, como se fosse uma alegre brincadeira de acertar os objetos a serem recolhidos que via em seu caminho, com boa pontaria. E daí por diante, a varrição e limpeza do pátio, que era chata, virou quase um jogo de tiro ao alvo.

Em pouco tempo, a faxina do pátio, antes rejeitada, já era disputada por todos. Soldados limpando, outros assistindo e mais outros aguardando a vez. Havia até soldados apostando.

Esse é o exemplo de uma solução simples, que dificilmente brota da cabeça daqueles que são mal-humorados, azedos, ou dos que se acham sofrendores do mundo cruel. Estes jamais entendem que o sofrimento é uma alavanca da humanidade, e que pode ser transformado em crescimento saudável, sem grandes dores. E se souber usar a inteligência, o otimismo e a crença nas boas possibilidades que surgem a partir de uma urgência ou de uma situação incômoda, algumas vezes, acabam em umas boas tomadas de decisões.

Decisões são fundamentais no decorrer das nossas vidas, elas nos cobram uma posição quase que diariamente, nas

menores tarefas ou nas de maior relevância e, todas, sem exceção, interferem no nosso futuro, seja na vida material, espiritual, social ou familiar.

As decisões em grupo são mais discutidas, portanto, mais planejadas e racionais, mas infelizmente, não temos essa oportunidade a todo instante.

Com certeza, a maioria das decisões exigem a nossa posição solitária. E, quando elas são mais sérias, somos retirados da vida ativa, de nossa incessante atividade. E com fé, em sossego e em segredo, podemos aprender então, o difícil manejo da crença e a confiança de que não estamos realmente sós.

Na escola da vida, muitas vezes, nos sentimos desamparados, isolados, solitários, quase incapazes de seguir em frente, de decidir sobre algo. Essa talvez, seja a grande diferença para quem tem fé, porque somente aqueles que aprenderam pela experiência a linguagem do sofrimento, poderão falar a linguagem da consolação. E é disso que estamos falando, da compreensão da vida, do entendimento de que crescer espiritualmente não é tarefa fácil. Assim como não é fácil fazer a reversão dos fatos.

Quem ganha um limão, consegue fazer uma limonada ? Depende.

Se a pessoa tiver fé, positividade e a capacidade de realizar a reversão dos fatos, a dor se transfigura. É assim que funciona, quando chegamos a descobrir a força da espiritualidade que está envolvida em tudo. E isso tem sido feito por milhares de pessoas que se tornam pessoas com deficiência, e também, por milhares de famílias que receberam uma criança com deficiência.

Primeiro é preciso buscar conhecimento para entender o acontecido - a ignorância nunca ajuda. Depois, se debruçar no processo de autoconhecimento, entender o que é a diversidade humana, internalizar dados transformando o aparente significado da hora.

Por isso, entendo e acredito que essa energia vai se multiplicar e caminharemos para sermos a grande família terrestre. Embora o mundo esteja passando por grande turbulência, graças à ganância desenfreada de alguns poderosos, ainda assim continuo crendo que seja passageiro, e juntos, em breve tempo, celebraremos o milagre da vida.

E pensando naquela máxima de que a união faz a força, quem sabe, se juntos, sem preconceito, sem discriminação, sem ganância, sem inveja ou qualquer tipo de maldade, não seremos capazes de conseguir um feito magnífico, como a reversão do caótico estado do clima.

Bom é aquele que divide o pão, que estende a mão, que dá o ombro, e que em hora ruim ensina a fazer a reversão dos fatos. 🙏



Roberto Rios

é pessoa com deficiência, cadeirante, jornalista, palestrante, criador da secretaria da pessoa com deficiência de São Paulo/SP, 29 anos apresentando um programas de rádio e TV voltados para pessoas com deficiência.
E-mail: rios.robertorodrigues@gmail.com



Entre as Manobras da Vida

Bruno começou o tratamento na Santa Casa de São Paulo/SP, ainda bebê. Os encaminhamentos para fisioterapia e outras terapias vieram cedo, e Sandra conta que essa parte foi mais tranquila do que se esperava. O desafio maior era a locomoção.

O sorriso de Bruno, no entanto, parecia não ter barreiras. Era largo, sempre presente e tinha um efeito sobre as pessoas ao redor, especialmente as pessoas em situação de rua das imediações de onde fazia o tratamento. “Ele cativava muitas pessoas”, diz Sandra. “Ele demonstrava a felicidade. E as pessoas viam e sorriam de volta”, conta a mãe.

Quando o assunto é preconceito, Sandra faz uma pausa. Pensa. E então diz que não sabe responder com certeza: “eu nunca olhei nada nessa questão do preconceito. Se eu vi, eu meio que ignorei”. E relata que nas vezes em que as pessoas a abordavam, perguntando se ele nasceu assim, era o momento de conscientização e não de se armar. Tendo em mente que o conhecimento é a principal ferramenta contra o preconceito.

Na infância, Bruno não conheceu limitações impostas de fora. Sandra não permitia. “Eu tive infância. Então meu filho também vai ter”, garante a mãe. Ele jogou pião, rodava bambolê, jogava bola na rua, andou de bicicleta, foi a parques. O pai chegou a fazer uma tatuagem fake com a maquininha. Ele viveu a vida intensamente, demonstrando suas emoções, suas vontades e, principalmente, a sua felicidade. “A gente olhava para ele e via que ele era feliz. E é isso que importa”, lembra.

A Pedagogia sempre esteve no horizonte de Sandra. Mas foi a escola de Bruno que acendeu a urgência. Ela acompanhava o filho em sala de aula porque não havia um auxiliar para ele. “Eu via as dificuldades dos professores. Não era comum eles terem

uma criança com deficiência em sala. Era tudo muito novo”, conta.

Sandra - @sandrasantosnunes - conversava com os professores, mostrava como interagir com Bruno, fazia em casa o que a escola ainda não sabia fazer. “Eu chegava e falava para o professor: pode pegar na mão, não vai quebrar. Pode fazer”. A frase que a motivou a cursar Pedagogia resume bem a lógica que move sua vida até hoje: “hoje é meu filho. Amanhã vai ser outro. Eu preciso ajudar de uma forma ou de outra”, afirmou Sandra.

Foi nesse mesmo período que ela descobriu o NAB. Bruno já frequentava o espaço quando Sandra começou a ocupar a sala de espera de um jeito diferente. Pegou um livro. Começou a ler para as crianças que aguardavam a terapia. A fundadora do núcleo, Wanda Marolo, percebeu e convidou Sandra para entrar. “Ela me deu uma sala e falou: tem tantas crianças. A gente vai fazendo”. Isso foi há cerca de 20 anos. Sandra nunca mais saiu.

O NAB - @nab_brasilandia - fundado por Wanda Marolo, oferece inclusão social para as crianças com deficiência e suas famílias por meio de atividades socioculturais. Atualmente atende cerca de 126 crianças. E o diferencial, Sandra faz questão de sublinhar que nunca foi só a terapia. “A Wanda não acolhe só a criança. Acolhe toda a família. Abraça tudo. A mãe também tem direito”, afirma Sandra.

Com a voz embargada de emoção, Sandra relembra que, em novembro de 2019, Bruno parou de comer. Ao chegar ao hospital, descobriram que se tratava de uma retocolite que havia evoluído sem que ninguém percebesse a tempo. Em fevereiro de 2020, aos 21 anos, Bruno faleceu. Sua partida deixou uma tristeza avassaladora, mas também uma lição de vida e de superação inspiradora. A pandemia tinha chegado junto. O luto de Sandra aconteceu em silêncio, dentro de casa, com suas próprias feridas,

Entre uma manobra radical em cima de um skate, pedaladas em uma bicicleta e alguns quilômetros de trilha, quem encontra Sandra Nunes se aventurando nos parques de São Paulo/SP não imagina a história que ela carrega. Com 45 anos, jeito despojado ao mesmo tempo meigo e um sorriso que chega antes das palavras, ela parece uma menina que ainda está descobrindo o mundo. E de certa forma, está. O seu mundo consiste em segurar nas mãos de quem precisa e caminhar rumo a um futuro de esperança e transformação.

Foi na recepção do NAB - Núcleo Assistencial Brasilândia - instituição que atende pessoas com deficiências e suas famílias, que Sandra compartilhou suas vivências. Uma história que desperta encanto, admiração e, inevitavelmente, um aperto no peito.

Sandra tinha 17 anos quando engravidou, quando a criança nasceu, deu-lhe o nome de Bruno. Aos 5 meses de vida do filho, os médicos identificaram microcefalia e paralisia. O diagnóstico chegou como uma parada no tempo. “A gente não tinha experiência, contato com ninguém com alguma deficiência”, ela lembra. “A nossa reação foi ficar em choque. Deu uma paralisada”, diz Sandra.

Ela conta que sua casa sempre foi cheia de crianças. A mãe dela olhava crianças desde sempre, o quintal vivia movimentado. Foi dentro dessa lógica que a família encontrou o caminho para seguir em frente. “Minha mãe começou a chorar, a gente chorou tudo”, conta Sandra. “Mas aí ela falou: vocês já têm o amor. Com ele não vai ser diferente. É nosso, a gente vai cuidar”.



“Meu filho de sangue se foi. Mas tenho meus filhos de coração”
Sandra Nunes

sem nenhuma válvula de escape, sem lugar para respirar a dor. “Ninguém podia ir a lugar nenhum. Não tinha para onde ir. Era recorrer a Deus mesmo”, conta a mãe.

Sandra é evangélica e fala da fé com a naturalidade de quem depende dela para se levantar. “São quase 6 anos que ele se foi e ainda parece que foi ontem. Às vezes eu ainda me vejo sem chão”, comenta. Mas é isso que a mantém em movimento: a certeza de que continuar é também uma forma de honrar a memória do filho querido.

Ela voltou a todos os lugares que frequentava com Bruno. O NAB, os parques, os caminhos da Santa Cecília (bairro central da capital paulista). “A gente lembra: nossa, se ele tivesse aqui, como estaria? Lembra quando a gente veio aqui?”. É essa memória viva que ela traz para as mães com quem conversa hoje. “Meu filho de sangue se foi. Mas tenho meus filhos de coração”, afirma Sandra.

Ela atua como voluntária no NAB há cerca de 20 anos, sendo o único lugar onde já deu aula. Não tem sonhos grandes para contar, e diz isso com clareza, sem tristeza. “Sonhos assim eu não tenho. Eu vivo cada dia como se fosse realmente o último”.

O que ela tem é uma convicção que atravessa tudo o que faz: que cada direito que existe hoje foi conquistado por alguém que sofreu antes. “Alguém lutou para que houvesse essa vaga. Então a gente vai lutar por alguma coisa. Você está sofrendo agora, mas lá na frente outras crianças já vão chegar com esse direito garantido”, reforça.

Ao final dessa conversa, Sandra seca as lágrimas, abre um sorriso e se levanta para ir embora. Aquela mesma menina de jeito leve volta a aparecer, a que anda de skate, pedala, enfrenta trilhas com a leveza de quem não tem medo do caminho. Só que agora você já sabe o que ela carrega. Sabe que esse sorriso não é ingenuidade. É escolha. É coragem. É o amor.

Sandra não sonha. Ela vive. E viver, para ela, é o ato mais radical que existe. 🌊



Sabrina Daniela da Silva

é jornalista, psicopedagoga e mãe atípica.

E-mail: comunica.sah@gmail.com

Jeanny, avó dedicada à neta Alice, que adora ler livros

Olá, queridos leitores! Conversei com a técnica de enfermagem Jeanny Pereira de Matos, de São Paulo/SP. Ela é Fitoterapeuta e graduada em Farmacologia. Sua infância foi muito boa, com brincadeiras na rua, banhos de chuva e comendo alimentos naturais e frutas retiradas do pé.

Aos 13 anos já trabalhava em uma rede de supermercados, depois em uma empresa de videogame, em seguida em um escritório de arquitetura e, apesar de ter limitação do membro superior esquerdo, distrofia e artrite psoriática nas mãos, nada a impediu de trabalhar. Hoje, no período da manhã trabalha em um hospital e, à tarde, na sua farmácia de manipulação Tufão Phyto, que já tem 10 anos e fica na Zona Leste da capital paulista. Tudo é feito com muito carinho desde a plantação, a desidratação até o produto natural estar pronto nas cápsulas.

Em 2017, o nascimento de sua neta Alice foi o melhor acontecimento da sua vida. E, como desde os 18 anos adorava ler livros e o fazia com frequência,



conforme a criança ia crescendo, lia sempre que possível, histórias infantis para a menina.

Alice teve muita dificuldade de aprendizagem no começo da escola, então a avó fez uma proposta a ela: depois dos estudos teria que ler um livro por dia, pois seria bom para ativar a memória e, após a leitura, ela tinha que contar o que entendeu sobre o conteúdo do livro.

Com o passar do tempo, a menina desenvolveu o gosto pela leitura e assim começou a ler perfeitamente aos 7 anos. Foram muitos estudos, repetições de vídeos, músicas, jogos de memória com as letras, mas hoje

Jeanny está satisfeita com o aprendizado da neta e relembra: “Demorou, mas valeu a pena”. E ressalta: “Nunca desistam de algo bom em que acreditam”!

O sonho de Jeanny é ver Alice se formando.

Parabéns para as duas, que com amor, perseverança e união estão vencendo os desafios.

Boa sorte! 🌊



Celise Melo (Celelê)

é cantora, compositora, musicoterapeuta, atriz, educadora, autora e é sucesso de público no Brasil e Exterior. Tem Livros, EPs, DVDs, CDs, Livro em Braille, Shows, Vídeos Youtube Celelê Inclusão, Músicas Spotify, Programas de TV e de Rádio Arte e Inclusão!

Site: www.celeleeamigos.com.br
Instagram: @celeleeamigos

Brasília TEAMA consolida o autismo no centro do debate nacional e político

Realizado entre os dias 8 e 10 de abril de 2026, no Museu Nacional da República, o evento “Brasília TEAMA” encerrou sua primeira edição na capital federal com um marco claro: o autismo passou a ocupar, de forma concreta, o centro simbólico e institucional do país.

Ao escolher Brasília/DF como sede, o evento não apenas ampliou sua visibilidade, mas reposicionou o debate. Levar o autismo para o coração político do Brasil significou afirmar que o tema não pode mais ser tratado como pauta periférica. É assunto de política pública, de planejamento de Estado e de responsabilidade coletiva.



Durante 3 dias, o congresso reuniu mais de 40 palestrantes de diferentes regiões do país, entre médicos, pesquisadores, profissionais da saúde, educação e direito, além de pessoas autistas e familiares. Essa diversidade de vozes garantiu

um debate qualificado, atravessado pela experiência real e sustentado por evidência científica.

A programação refletiu a complexidade do espectro e a urgência de ampliar o olhar. O “Brasília TEAMA 2026” tratou o au-

ENTREVISTA COM O DEPUTADO FEDERAL E EX-SECRETÁRIO DE SAÚDE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, DR. LUIZINHO, RESPONSÁVEL PELA CONSTRUÇÃO DO CEDTEA - 1º CENTRO PÚBLICO DE DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DO BRASIL

Andrea Bussade: O CEDTEA é o 1º Centro público de diagnóstico em TEA do Brasil. Como foi construir esse centro?

Dr. Luizinho: A criação do CEDTEA representou um passo estratégico do Governo do Estado do Rio de Janeiro para enfrentar uma das maiores lacunas da rede pública, justamente o acesso ao

diagnóstico especializado do Transtorno do Espectro Autista. Até então, milhares de famílias enfrentavam longas filas, diagnósticos tardios ou precisavam recorrer ao setor privado. O desafio foi estruturar um modelo inédito no SUS, reunindo equipe multiprofissional qualificada, com médicos neurologistas, psicólogos, fonoaudiólogos, nutricionistas, terapeutas ocupacionais e outros especialistas em um atendimento centralizado, baseado em protocolos científicos e avaliação integrada. Inicialmente, foi implantada a Superintendência da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, com o objetivo de fortalecer o cuidado no tema, atuando como referência para todos os municípios do Estado. A Supe-

rintendência desenhou o CEDTEA, que foi inaugurado em abril de 2024.

AB: Quantos atendimentos foram feitos durante esses quase 2 anos de funcionamento?

DL: Desde sua inauguração, em abril de 2024, o CEDTEA já realizou mais de 11 mil atendimentos; número que reflete tanto a demanda reprimida existente quanto a confiança das famílias no serviço. Ao longo desse período, o centro ampliou gradualmente sua capacidade operacional, aprimorando fluxos, incorporando melhorias nos processos de avaliação e fortalecendo a articulação com os municípios. Hoje, o CEDTEA se consolida como referência nacional em diagnóstico público do TEA.

AB: A Secretaria de Saúde criou a Superintendência de Doenças Raras. Quais serão as novas ações em 2026?

DL: A Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro deverá concentrar esforços, em 2026, na ampliação do diagnóstico precoce e no fortalecimento da rede de cuidado às pessoas com doenças raras. Entre as prioridades estão a





tismo em todas as fases da vida, com destaque para a infância, adolescência e, especialmente, a vida adulta — ainda pouco contemplada nas políticas públicas e no debate social.

Entre os principais temas abordados, estiveram:

- Diagnóstico precoce e investigação clínica, incluindo correlações com doenças raras;
- Intervenção baseada em evidências e terapias multidisciplinares;
- Educação inclusiva e alfabetização no autismo;
- Direitos, acesso a políticas públicas e judicialização da saúde;
- Desafios da adolescência e transição para a vida adulta;
- Autonomia, trabalho e inclusão social de adultos autistas;
- Escuta qualificada de famílias e protagonismo de pessoas autistas.

integração dos dados da triagem neonatal, especialmente do teste do pezinho ampliado, e o acompanhamento estruturado dos pacientes já identificados. Também estão previstas ações de capacitação contínua de profissionais da rede estadual e municipal, além da consolidação de fluxos assistenciais que garantam não apenas o diagnóstico, mas o seguimento clínico e o cuidado longitudinal desses pacientes e de suas famílias.

AB: Qual a importância do diagnóstico precoce no TEA ?

DL: O diagnóstico precoce é fundamental porque permite iniciar intervenções no período mais sensível do desenvolvimento infantil, quando o cérebro apresenta maior plasticidade. Isso contribui para melhores resultados nas áreas cognitiva, social e comunicacional. Além disso, o diagnóstico orienta as famílias desde cedo, reduz incertezas, facilita o acesso a terapias adequadas e contribui para a inclusão escolar e social da criança. A médio e longo prazo, também diminui impactos futuros, tanto individuais quanto para o sistema de saúde e educação.

A programação combinou conferências técnicas, rodas de conversa, relatos de experiência e atividades culturais, criando um ambiente de troca entre quem pesquisa, quem atua e quem vive o autismo no cotidiano.

Mais do que um congresso, o “Brasília TEAMA 2026” se consolidou como espaço de articulação nacional. Ao reunir diferentes campos do conhecimento e setores da sociedade, o evento promoveu conexões estratégicas e reforçou a necessidade de respostas estruturais para uma população que historicamente enfrentou invisibilidade.

A edição federal do TEAMA deixa como legado a afirmação de que não é mais

possível discutir autismo de forma fragmentada. O tema exige continuidade, integração entre áreas e compromisso político.

Brasília/DF recebeu o debate. Agora, a expectativa é que ele permaneça, e para saber mais como foi esse grande evento, basta visitar o site - www.brasiliateama.com.br - ou seguir o perfil - @brasiliateama - no Instagram. 📺



Andrea Bussade de Oliveira

é jornalista e mãe da Rafaela e do Gabriel, com autismo.

E-mail: andrea.bussade.oliveira@gmail.com

Várias vezes por dia durante a programação da rádio

A PARTIR DAS 7H DA MANHÃ

Tropical FM 107,9

Na Tropical é mais legal

MOMENTO INCLUSÃO

com Rodrigo Rosso

SINTONIZE ! OUÇA ! PARTICIPE ! AVISE OS AMIGOS !

SISTEMA REACÃO 28 ANOS

PARCERIA

www.radiotropicalfm.com

Sua empresa pode falar com milhares de ouvintes durante o dia todo ! PARA PATROCINAR - LIGUE: (11) 99721-6722 | Marcos Segalla



Entre a Lei e o Amor: a travessia de um pai atípico que transformou dor em luta

E escrever sobre a trajetória do Dr. Paulo César Borgomoni Neto não foi apenas mais uma pauta. Foi, antes de tudo, um convite à pausa. À escuta. À coragem de encarar uma realidade que, para muitos, ainda permanece invisível - mas que, para ele, é vivida todos os dias.

Se, há dois anos, alguém perguntasse como ele definiria a própria vida, a resposta viria precisa, técnica, organizada entre prazos e audiências. Hoje, não. Hoje, a definição carrega peso, verdade e transformação: sua vida é resistência. É aprender, na prática, quando ser búfalo... e quando ser borboleta.

**“A vida deixou de ser apenas técnica.
Tornou-se resistência”**



Sua jornada na paternidade atípica não começou de forma leve. Ele e o esposo adotaram Enzo, hoje com 9 anos, e Ezequiel, de 4 anos.

Enzo chegou em um cenário que expõe, sem filtros, as falhas do sistema: suporte 3 do TEA, ainda de fraldas, sem nunca ter tido acesso a qualquer tipo de terapia em 8 anos de vida. Não havia comunicação verbal. Havia dor.

Uma dor silenciosa, que se manifestava em crises intensas de agressividade - horas de sofrimento, que só mais tarde foram compreendidas: dores dentárias severas que ele não conseguia expressar.

É aqui que a romantização se quebra. O próprio Dr. Paulo admite, com uma honestidade que poucos têm coragem de sustentar: ele ama profundamente seus filhos - mas odeia o autismo. E essa frase não nasce da rejeição. Nasce do enfrentamento.

“Eu amo meus filhos. Mas odeio o que o autismo impõe a eles”

Ele odeia o que o autismo representa dentro de uma estrutura despreparada. Odeia o abandono institucional, a negligência do Estado, a frieza de um sistema que transforma necessidades básicas em obstáculos. Odeia ver crianças sendo tratadas como números, enquanto famílias se esgotam tentando garantir o mínimo.

Como advogado, sua atuação sempre teve um viés social. Mas a chegada dos filhos não ampliou apenas sua atuação - transformou completamente sua perspectiva.

Antes, ele estava do outro lado da mesa. Hoje, ele senta ao lado. Ao lado de mães solo exaustas. Ao lado de famílias invisibilizadas. Ao lado de pessoas que não precisam apenas de orientação jurídica - precisam ser compreendidas.

**“Hoje, ele não fala apenas por clientes.
Ele fala por vivência”**

Sua advocacia hoje é, em grande parte, voltada à saúde e à educação inclusiva. Porque ele entendeu, vivendo, que, no Brasil, a pessoa com deficiência não enfrenta apenas desafios - enfrenta barreiras estruturais para simplesmente existir. E, quando perguntam como ele dá conta, a resposta não vem maquiada: ele não dá conta de tudo.

E talvez seja exatamente isso que torna sua história tão real.

Existe rede de apoio. Existe estrutura. Existe conhecimento técnico para judicializar o que for necessário - da terapia multidisciplinar até algo tão básico quanto a abertura de uma conta bancária. Mas ele sabe: isso é exceção. E é por quem não tem essa estrutura que ele luta.

**“Resiliência não é ser inquebrável.
É continuar mesmo em pedaços”**

Essa travessia cobrou um preço alto: pressão alta, ansiedade e depressão. Hoje, em tratamento, ele carrega uma compreensão que desmonta qualquer ideia superficial de força. E, ainda assim, ele continua. Não só como pai. Mas como voz.

Sua mensagem para quem está no início dessa jornada não vem revestida de frases prontas. Vem como direção: não desistir.

Ele reforça que o acesso à ciência é fundamental - terapias, acompanhamento, intervenção precoce. Mas deixa claro que existe algo igualmente poderoso: a presença ativa, o amor insistente e a recusa em aceitar o “não” como resposta definitiva.

Existe um sistema que silencia. E ele convida famílias a saírem desse ciclo. A ocuparem espaços. A exigirem direitos.

A entenderem que o “não” já é garantido na negativa de um Estado omissor - mas o “sim” pode ser construído na insistência, na coletividade e na luta.

“Eles não são um diagnóstico. São pessoas”

E, enquanto houver barreiras, haverá alguém disposto a derrubá-las. Foi dessa vivência - não teórica, mas profundamente prática - que nasceu uma iniciativa que merece ser destacada, não apenas como projeto, mas como movimento.

Ao lado de Esther Velancio, mãe atípica que também conhece de perto essa realidade, ele idealizou uma ação dentro do sindicato onde atua.

A proposta era simples no papel, mas gigante no impacto: ampliar o acesso ao atendimento especializado para famílias em situação de vulnerabilidade.

O ponto crítico era claro e urgente: o acesso ao neurologista infantil.

Sem diagnóstico, não há intervenção. Sem intervenção, há atraso. E, no Brasil, esse atraso pode chegar a anos.

Para transformar essa realidade em ação concreta, convidaram o neurologista infantil Dr. Evandro Ramos, que aceitou integrar o projeto realizando atendimentos com valor social. O que antes parecia distante, hoje é realidade.

As agendas estão lotadas na cidade de Praia Grande/SP. É o reflexo direto da demanda reprimida e da urgência desse tipo de iniciativa.



Mais do que números, isso revela algo maior: existem famílias esperando. E, quando surge uma oportunidade, elas ocupam.

“Esse projeto não resolve tudo. Mas muda trajetórias”

E talvez seja exatamente isso que define o Dr. Paulo: alguém que entendeu que não precisa resolver o mundo inteiro - mas se recusa a permanecer inerte diante dele.

Como colunista desta revista, eu poderia encerrar essa matéria falando sobre superação. Mas seria raso. O que existe aqui não é superação. É enfrentamento diário. É escolha. É posicionamento. É alguém que, diante de um sistema que falha, decidiu não se adaptar ao descaso - decidiu confrontá-lo. E, no meio de tudo isso, segue sendo pai.

Presente. Imperfeito. Cansado, às vezes. Mas, acima de tudo, consciente de que amar também é lutar.

“Amar, aqui, não é sentimento. É ação”

E ele luta. Todos os dias. E quem quiser conhecer, trocar experiências, conversar sobre essa vivência com o Dr. Paulo, pode segui-lo nas redes sociais: @borgomoni.adv 🌐



Kelly Freymann

é mãe atípica, técnica em Nutrição, formada em Gestão Pública, estudante de Biomedicina e palestrante. Atuante na defesa da causa da pessoa com deficiência, dedica-se a promover conscientização, acesso à informação e fortalecimento de famílias atípicas por meio da comunicação e da presença em espaços sociais.

E-mail: kellyfreymann777@gmail.com



João Maia fotojornalista, Fotografia Cega, ex-paratleta, autor e professor

Pessoas incríveis !

Hoje vou falar um pouco sobre a imagem e a importância dela para todos nós: Rozana Salerno. É interessante podermos trabalhar com imagens sejam elas na fotografia ou no cinema. Mas o que nos alegra muito é quando vemos que não existe impossível para a produção da imagem.

Ouvir de alguém, que ela teve aula de fotografia com um professor cego, você para e pensa: como assim ? E de repente você, conversando com uma ex-aluna que não enxerga, descobre que ela está fotografando ? Aí você vê que os dois estão focados na fotografia.

Vamos entender um pouquinho disso

João Maia, o famoso fotógrafo cego brasileiro, até os 19 anos enxergava e com o passar do tempo foi perdendo a visão, mas ele tinha algo muito importante: era apaixonado, desde a adolescência, por fotografar. E foi nesta época, que ele fazia as fotos da escola onde estudava e de outros eventos importantes da cidade onde vivia.

Então, começou a trabalhar e chegou a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, mas foi ali que as questões da sua visão foram se complicando mais e mais a cada dia. Mas o grande desafio era a fotografia, e esta paixão não poderia e nem pode ser apagada. Hoje o João é cego e fotógrafo respeitado e reconhecido mundialmente. É alguém que não para, e isto é o que o move e que faz a diferença.

João se dedica a fotos na área esportiva e tem sido um diferencial nas atividades paraolímpicas. Ele tem feito um trabalho de ponta, viajando por muitos países com suas máquinas, celular e a vontade de mostrar o que é a fotografia esportiva. Uma missão cansativa, mas compensadora e rica.

Hoje, além dessas atividades ele também faz palestras e exposições de suas fotos, livros e tem, como sempre, fotografado muito.

É muito importante falar deste curso de fotografia, pois para muita gente, as pessoas com deficiência visual não podem fotografar, mas é fantástico a forma como podemos ver as mudanças neste tempo, principalmente quando todos carregamos um celular na bolsa ou no bolso. O que podemos observar é o cuidado e a perseverança que existe neste processo. E nos alegra muito os resultados que podemos prestigiar.

João é muito conhecido no meio da pessoa com deficiência, e vamos conversar um pouco com ele. Marcamos nosso encontro numa escola, em um curso de dança para cegos, e lá vi o trabalho do fotógrafo João Maia de perto. Foi uma manhã fantástica ! As meninas cegas fazendo aula e o trabalho de fotografia estava sendo feito por ele. Foi incrível ! E lá, eu fui a assistente dele e tive a alegria de ter Rozana Salerno nesta entrevista, fotografando nosso encontro.

Conversamos bastante, conhecemos o espaço que é incrível, e temos fotos deste ensaio. Depois, fomos comer pastel e conversar mais um pouco. João me disse que iria para o Piauí, para visitar a família e fazer algum evento. Contou que estaria lançando o seu livro e faria palestras também por lá. Este projeto foi feito na Salibom, no 7º salão de Livros em Bom Jesus. O evento foi lindo, pois foi algo em que toda família e os amigos participaram, e João ainda teve a oportunidade de falar e mostrar o trabalho na Universidade, participar de rodas de conversa sobre fotografia e falar de como tem sido o seu trabalho como fotojornalista esportivo.

Lidar com o fotojornalismo é algo que exige do fotógrafo uma sensibilidade ímpar para pegar os melhores momentos. E a vivência profissional vai fazendo com que João se torne cada dia mais especialista nestas questões.

Na sua viagem para o Piauí, o livro que ele escreveu foi lançado lá e foi um sucesso: isso é mais uma das suas artes. E agora, João Maia tem até um boneco fotógrafo, que foi lançado recentemente. Isso é muito interessante, pois é uma maneira de levar seus projetos também para as crianças.

Uma coisa muito legal é que as oficinas de fotografia não têm um público específico. Ele faz o trabalho com PcD visuais e as pessoas que não são também. O que é extremamente importante, pois todos fazem parte de um único público: isso trabalha a inclusão, o que é fantástico, pois é um fotógrafo cego dando aulas para todos, para quem enxerga e para quem não vê.

Outra coisa muito importante são as exposições, que também são abertas para todos, e isto faz com que os chamados “videntes” – pessoas que enxergam – entendam o quanto se pode aprender em uma exposição com fotos tão impressionantes e perfeitas feitas por um fotógrafo cego.



Elder Fraga diretor e produtor de cinema e roteirista

Uma surpresa para João

João Maia não imaginava, mas uma pessoa que foi minha aluna de piano quando ela era pequena, mas agora é uma moça e foi aluna dele num curso de fotografia. E eu a convidei para falar sobre a vida dela e o que a fotografia representa em sua vida.

O nome dela é Gabriela Santana e eu a conheci quando dava aulas de música. Na época, eu tinha um grande número de alunos com deficiência. Eram 9 com deficiência visual e vários com outras deficiências, mas o interessante era que todos participavam juntos em audições, passeios e acampamentos. Gabriela era uma dessas alunas.

Hoje, Gabriela que é massoterapeuta e fez um curso de 4 horas de fotografia com João. Ela sempre foi uma pessoa “fora da casinha”. Foi uma das crianças que participaram comigo de atividades com animais, onde ela passava horas com lagartos, cobras e outros bichos. Ela sempre foi à frente do seu tempo.

Recentemente ela entrou em contato comigo, me ligou e um dia me enviou uma foto de uma tarde. Fiquei muito contente com a nova fase que ela estava vivendo, tirando fotos. Foi quando me disse que fez um curso, e quando falei do João Maia ela me disse:

- Ele que foi o meu professor ! Fiquei tão feliz, que não podia deixar de colocar a Gabriela nesta conversa, pois precisamos ver e valorizar o trabalho de alguém que ama fotografia e dá aulas para ajudar outros que também são cegos, a trazerem as imagens para bem pertinho, fazendo com que todos possamos curtir momentos ímpares.

João e Gabi me deram uma alegria enorme, pois são duas pessoas que tenho consideração e me fizeram tão próxima deles, através de algo simples, que nos faz tão importantes, que é a Fotografia.

O ato de fotografar é o que encanta

Ainda falando de imagens, vou contar uma história de um menino que a vida toda lutou para sobreviver.

Ele é o Paulinho, que hoje é pastor evangélico e que trabalhou como enfermeiro por 12 anos, no Departamento de Pneumologia, na UTI do Instituto Central do Hospital das Clínicas em São Paulo/SP.

Paulinho nasceu e ainda bebê teve meningite meningocócica. Foi aí que começou a luta de seus pais, que entenderam que provavelmente não teria cura, mas, Paulo fez então a sua primeira manifestação de que ele não veio para brincar, mas para lutar pela vida.

E foi nessa pegada que o conheci, com uma vitalidade incrível. Paulinho sempre entendeu que tinha limitações, mas quanta alegria poder conversar com ele e entender que, mesmo dentro de situações embaraçosas, ele não para. O que me chamou a atenção foi quando ele falou que passou por 27 cirurgias grandes, e muitas complicadas, algumas que eram feitas, mas sem perspectivas reais de melhora. Foram inúmeras correções e ele sempre buscando vencer mais uma barreira.

Como ele é um jovem ativo e determinado, sempre pensava em ter alguém para dividir a vida, momentos de comparti-



Paulo Henrique (Paulinho) à esq., pastor, enfermeiro, ator do filme e **Elder Fraga** diretor e produtor de cinema e roteirista

lhamentos, beijos e abraços. E muita luta, pois ele carregava uma série de limitações. Só que tem um detalhe: ele não iria viver muito. Mas, contrariando tudo isso, ele estava vivendo a tantos anos e com uma garra incrível, então, por que não ter alguém ?

Foi então que, em umas das atividades como aluno de Teologia, Paulinho passou mal e ficou doente. A viatura do resgate foi buscá-lo, socorrendo o rapaz na casa do seu pai. E ali começou outro período de luta e de muita apreensão. Ele ficou internado no HC e a equipe até pensava que ele não suportaria. Foi neste processo que ele teve uma parada cardíaco-respiratória, que o levou para a UTI. Foram 3 semanas entubado.

Mas foi aí que, em uma noite, alguém foi visitá-lo com uma amiga. Assim ele conheceu Elivânia. E algum tempo depois eles começaram a namorar. De repente, ele estava começando não uma aventura, mas uma nova fase em sua vida. Ganhou da vida uma amiga, uma companheira, eterna namorada. E com ela, vieram os seus 2 filhos, que hoje tornam a sua vida diferente, com muita dedicação e amor.

Paulinho hoje é o personagem que conta a sua trajetória em um filme feito por Elder Fraga, um cineasta brasileiro que tem trabalhado com um olhar que agrega pessoas em filmes com temas inclusivos, como racismo, pessoas com deficiência e outras questões. Isso é algo muito importante, pois no dia a dia, quantas são as pessoas que sofrem e se sentem sem forças para sobreviver ? Mas, histórias contadas na forma de filmes, têm ajudado neste processo de aceitar e, principalmente, buscar novas maneiras de viver, apesar das limitações. “Um dia após o outro” é um filme que mostra que vivemos exatamente um dia de cada vez.

Mas o que faz com que pessoas com deficiência tenham alegria e determinação ?

É a força que se movimenta através da vontade de lutar sem parar, está no fato de ser alguém que tem uma limitação. Não é simples, não é fácil, mas quando podemos, atravessamos a vida buscando os objetivos, e nos alegramos com ela.

Por isso, João Maia, Gabriela e Paulinho são pessoas que nos ensinam que a vida pode e deve ser vivida um dia de cada vez.

Tenho a alegria de conhecer essas 3 pessoas tão especiais e aprender muito com elas, que estão na vida para viver intensamente, mesmo com suas dificuldades. E a arte de fotografar ou de representar falando da própria vida, é o que move o ser humano.

Viver é a causa de não sermos consumidos. 🌊



Lúcia Figueiredo – LuQuinha

é Bióloga e Neuropsicopedagoga, especialista em Sexualidade Humana e Jornalismo Digital, Cinema e Audiovisual.

E- mail: luciabiofigueiredo@gmail.com

Nissan Frontier

Por que os utilitários não tem direito a isenção para PcD ?



Dando sequência à série de matérias realizadas pelo Sistema Reação de Comunicação/Revista Reação, agora vamos trazer uma matéria especial realizada com outro veículo utilitário. Desta vez, o modelo é uma pick-up Nissan Frontier.

Afinal, a dúvida que muitas pessoas tem continua: por que as pessoas com deficiência não podem comprar veículos utilitários com isenção de impostos? Qual a justificativa para que essas isenções não sejam aplicadas em pick-ups. Sabemos que muitas PcD precisam SIM de veículos desta categoria para uso em seu dia a dia.

Milhares de pessoas com deficiência moram em áreas rurais, chácaras, sítios, fazendas e se utilizam diariamente de veículos utilitários por necessidade ou no trabalho. Porém, essas PcD acabam

não podendo usar seu direito às isenções na hora da compra deste tipo de veículo 0km. Mas qual a justificativa de não haver isenção para PcD em utilitários?

A ABRIDEF mobiliza o Congresso Nacional

Desde antes da pandemia de Covid-19, a ABRIDEF – Associação Brasileira da Indústria, Comércio e Serviços de Tecnologia Assistiva para PcD, vem conversando com parlamentares – deputados federais e senadores – e o CONFAZ e ministério da Fazenda sobre esse tema. O assunto ficou parado desde 2021 e agora a ABRIDEF está voltando com o pleito no Congresso, reativando essa luta para a conquista deste direito.

O fato de utilitários não terem isenções para PcD sempre incomodou o mercado. Por isso, mais uma vez em par-

ceria com as montadoras de automóveis, o Sistema Reação e a Revista Reação estão realizando uma série de matérias especiais de Test-Drive com veículos utilitários, mostrando o uso diário de pessoas com deficiência que necessitam deste tipo de veículo, mas que até hoje, compram sem isenção para PcD.

Nossa ideia é que o trabalho realizado com essa série de matérias publicadas aqui, sirvam de subsídio no processo junto ao Congresso Nacional e Ministério da Fazenda, para que o pleito seja aceito, a necessidade seja entendida, e que nossos governantes possam se sensibilizar, abrindo os benefícios e ampliando o valor teto em caso de veículos utilitários, viabilizando a aquisição deste tipo de veículo 0km por PcD.

Nissan Frontier: cidade e campo... força, beleza e tecnologia

Mais uma vez em parceria com a Nissan, vamos mostrar a Frontier. Uma pick-up versátil – campo e cidade com força, beleza e tecnologia – tudo num único utilitário, que traz para pessoas com mobilidade reduzida e deficiência, uma gama enorme de possibilidades de uso em seu dia a dia. Por isso, testamos a Frontier durante 30 dias, cedida pela fábrica para nossa redação e equipe exclusiva de especialistas.

A Frontier era fabricada na Argentina, porém, recentemente a produção foi encerrada no país vizinho e agora a pick-up média da Nissan passou a ser produzida no México, na planta de Aguascalientes, e trazida para o Brasil através de um tratado comercial.

Neste período em que a Frontier ficou em comodato com nossa equipe especializada, colocamos a pick-up da Nissan em testes na estrada e na lida no dia a dia, tanto em uma propriedade rural, como também por um usuário empresário do ramo de móveis rústicos. Ambos usuários de caminhonetes em seu dia-a-dia.

Força e rusticidade

Empresário do ramo de fabricação e venda de móveis rústicos com madeira de demolição, Jesuel Barbosa, 51 anos, casado e pai de 3 filhos, é um dos pioneiros na produção e comercialização de móveis e peças de madeira de demolição. Há 34 anos ele é proprietário da Pau Brasil, fábrica com loja em Sorocaba/SP e Mairinque/SP, onde também fica a produção, na Rodovia Castelo Branco Km 65 - sentido capital-interior.

Jesuel tem caminhões e caminhonetes para uso no dia-a-dia, tanto da fábrica – onde busca matéria prima (madeira de demolição) principalmente no Paraná e interior de São Paulo, como no atendimento a clientes em todo o estado, levando seus móveis para exposições e para as entregas nas casas de clientes.

O empresário possui deficiência no pé esquerdo, devido a um acidente na infância, onde teve parte do pé e os dedos decepados, o que lhe traz transtornos de mobilidade muitas dores até hoje. Além disso, Jesuel também tem problema no ciático e na coluna, além de sofrer com fi-



bromialgia. Isso tudo lhe daria direito ao uso de isenção de impostos na compra de carro 0km e, por consequência, na compra de caminhonetes, caso o direito à isenção para utilitários estivesse valendo. Mas infelizmente, ainda não está.

A madeira rústica é muito pesada. Os móveis produzidos com ela, por consequência, também são. Duram para uma vida toda, mas são pesados e rústicos. E

ele transporta tudo isso em seus caminhões e caminhonetes. E Jesuel experimentou a Frontier e aprovou o modelo da Nissan.

A Frontier, além de muito bonita, tanto interna como externamente por suas linhas modernas e ao mesmo tempo robustas, também aguentou o tranco e supriu as necessidades do empresário na lida diária.



EVOLUÇÃO ISENÇÕES PARA PCD

- ✓ IPI
- ✓ ICMS
- ✓ IPVA
- ✓ RODÍZIO
- ✓ ASSESSORIA COMPLETA

DESDE 2001

25 ANOS



Conquiste sua Liberdade com quem cresce todo dia !

 @evolucaoisencoes

www.evolucaoisencoes.com.br

MOGI DAS CRUZES/SP

Rua Casarejos, 271 - Loja 13
Mogi Plaza - Mogilar
Mogi das Cruzes/SP

(11) 2378-7125
(11) 2378-7169

 (11) 94746-4338

SÃO PAULO/SP

Rua Dentista Barreto, 96
andar - sala 44 - Vila Carrão
São Paulo/SP

(11) 2092-4818
(11) 2295-0129

 (11) 94011-7688



TEST-DRIVE ESPECIAL



A caminhonete da Nissan tem uma caçamba excelente em tamanho e capacidade de peso que passa de 1 tonelada. O motor com 190cv é 2.3 biturbo, câmbio automático de 7 marchas e a potência chamam a atenção. Já o consumo de Diesel é honesto para um veículo que oferece tudo que propõe com tração 4x4 com reduzida e controle eletrônico.

A suspensão dianteira e traseira

são independentes, os freios a disco ventilados nas 4 rodas com ABS, EBD e assistência de frenagem. A direção é hidráulica.

Internamente, a central multimídia de 8 polegadas com conectividade Apple Carplay e Android Auto. O pacote de segurança é Nissan Safety Shield, com alerta de colisão, frenagem autônoma de emergência, alerta de ponto cego e assistência de permanência de faixa. A partida é por botão

e o acabamento interno é primoroso.

A Frontier é uma das pick-ups com melhor custo x benefício de sua categoria, com preços na casa média de R\$ 270 mil. Nosso pleito junto ao Congresso e Governo Federal, juntamente com a ABRIDEF, é para que o valor teto da isenção, exclusivamente para compra de pick-ups, seja entre R\$ 300 e R\$ 400 mil, já na reforma tributária. 🇧🇷



Produzindo alimentos e um campeão !

Nem sempre quem vai comprar uma pick-up é quem vai dirigir o veículo. O usuário pode ser um “não condutor”, como uma criança, por exemplo. Assim como já funciona hoje com os veículos comuns. Essa será também parte da nossa luta na aprovação da isenção para veículos utilitários.

Este é o caso do Marcelo Mariano, 59 anos, militar da reserva, casado e pai de 2 filhos. Um dos seus filhos é o garoto Henrique Mariano, de 13 anos e que possui uma deficiência chamada Hemimelia Fibular Bilateral. O garoto faz tratamento com especialistas em Curitiba/PR e é paratleta de tênis de mesa, já considerado uma promessa brasileira na modalidade. Ainda vamos ouvir falar muito dele. Guardem este nome !

Marcelo é modador da zona leste da capital paulista e produtor de bananas em uma propriedade no litoral norte de São Paulo/SP. É ele quem acompanha o filho Henrique nos treinos e nas competições de tênis de mesa Brasil afora. E via de regra, tanto nessas viagens com Henrique, como nas idas para o Paraná para o tratamento do garoto e a lida com a produção de bananas, tudo é feito com sua pick-up, desde sempre.

O produtor e pai do Henrique, testou a Frontier na propriedade, na estrada e na cidade e aprovou o modelo da Nissan. Tanto ele como Henrique, aguardam ansiosos pela tramitação e aprovação da isenção de impostos para veículos utilitários para PcD.



Entre pedras, afeto e desafios



Há cidades que nos recebem pela paisagem. Outras, pela energia. São Tomé das Letras, encravada no alto da Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais, faz as duas coisas, mas vai além. Ela acolhe pelas pessoas.



Visitar São Tomé das Letras/MG como pessoa com deficiência é, antes de tudo, uma experiência de contrastes. De um lado, a beleza bruta das pedras, das trilhas, das ladeiras íngremes e do charme rústico que faz da cidade um destino tão singular. Do outro, a ausência evidente de acessibilidade arquitetônica, que transforma o simples ato de circular em um desafio constante.

Durante minha experiência na cidade, enfrentei dificuldades reais. Calçadas irregulares, falta de rampas, acessos improvisados, trilhas sem qualquer adaptação. Em muitos momentos, a sensação de insegurança esteve presente, especialmente em locais onde o risco é evidente. Por isso, é importante dizer com responsabilidade: não é um destino que hoje se possa recomendar sob o critério técnico da acessibilidade.

Mas seria injusto parar por aí

Porque, na ausência da estrutura, encontrei algo que me tocou: a rede de apoio. Fui acolhido com um nível de hospitalidade que não se ensina em manuais. Pessoas dispostas a ajudar, a



adaptar, não por obrigação, mas por genuína vontade. Em uma das experiências mais marcantes, participei de uma trilha. Sim, uma trilha rústica, sem nenhum tipo adaptação. E ainda assim, foi incrível.

Em alguns momentos, literalmente carregado mas não apenas por braços fortes mas, por cuidado, respeito e afeto. O que poderia ser um momento de exclusão se transformou em pertencimento estabelecendo uma cultura plural de oportunidades.

Isso revela uma verdade importante: a acessibilidade atitudinal, aquela que nasce do comportamento das pessoas, pode abrir caminhos onde a infraestrutura ainda não chegou.

A acessibilidade atitudinal não pode e não deve ser a única solução

Cidades com vocação turística, como São Tomé das Letras/MG, precisam compreender o potencial econômico, social e humano da inclusão. Pessoas com deficiência não viajam sozinhas. Elas movimentam redes, famílias, acompanhantes. Cada visitante representa mais pessoas, mais consumo, mais circulação de renda. Ignorar esse público é, além de injusto, economicamente limitado.

Prefeituras e gestores locais têm a oportunidade e a responsabilidade de transformar esse cenário. Investir em acessibilidade arquitetônica, em comunicação inclusiva, em sinalização adequada. Mas, principalmente, em algo que já é uma vocação da cidade: A sensibilidade das pessoas!

Profissionalizar os moradores para o atendimento inclusivo pode ser o diferencial competitivo de destinos turísticos como São Tomé. Transformar hospitalidade espontânea em competência estruturada. Capacitar guias, comerciantes, donos de pousadas, condutores de trilhas. Criar uma cultura onde a inclusão não dependa do improviso, mas seja parte da identidade do lugar.

O turismo acessível não é apenas sobre rampas ou adaptações físicas. É sobre conexão. É sobre harmonizar a cidade com a diversidade humana. É sobre permitir que histórias que, por muito tempo foram invisibilizadas, passem a ocupar espaço, voz e protagonismo.

Minha experiência em São Tomé das Letras/MG foi sim, desafiadora. Em alguns momentos, arriscada. Mas, acima de tudo, foi profundamente humana. Foi um passeio incrível não pela facilidade, mas pela forma como fui recebido.

E talvez esse seja o maior aprendizado, enquanto a estrutura ainda não alcança todos, as pessoas podem e já estão fazendo a diferença.

Toda cidade que escolhe incluir, escolhe evoluir. 🌊



Salomão Jr

é pessoa com deficiência, cadeirante e Bacharel em turismo. Especialista em gestão de pessoas e ex-secretário da pessoa com deficiência de Osasco/SP. E-mail: salospalt7@gmail.com

Trocar o dia pela noite, uma saída para muitas PcD

Estudos preliminares do Instituto Humanus indicam que a maior cidade da América Latina não tem abrigos municipais acessíveis para pessoas com deficiência em estado de vulnerabilidade social



Um estudo que está sendo realizado pelo Instituto Humanus para pessoas com Deficiência vem obtendo resultados impressionantes. Uma noite na cidade de São Paulo/SP - 23h00 de um dia de abril de 2026 - o professor Duda do Instituto Humanus, acompanhado por um câmera, percorre as ruas centrais da maior metrópole da América Latina, famosa por seus arranha céus, seu PIB bilionário, seus discursos de que é uma das maiores cidades com soluções em tecnologias assistivas, com várias políticas sociais de inclusão para autistas e para todas as demais deficiências, enfim... uma metrópole repleta de leis que abordam a temática e multam pesadamente empresários em desconformidade com as diversas políticas inclusivas implementadas.

A capital paulista é uma cidade modelo de inclusão para cidadãos com todos os tipos de deficiências. Além de tudo isso, a cidade se orgulha de ter a temática da inclusão espalhada por todas suas secretarias de governo.

Em uma megalópole recheada de muita riqueza e suas faustosas vitrines de modernidade, percebemos que ela falha em algo básico, pois por mais incrível que possa parecer, São Paulo/SP não oferece nenhuma solução para abrigar moradores de rua com deficiência em estado de vulnerabilidade

social. Isso mesmo: nenhum abrigo público administrado pelo município é estruturado para acolher pessoas com deficiência em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Em nossas gravações noturnas, encontramos vários destes incríveis e corajosos seres humanos, dormindo em grupos e até mesmo próximos ao prédio do poder legislativo da cidade. A prática já é bem comum - a GCM - Guarda Municipal - garante a segurança e essas pessoas dormem nas calçadas, aglomeradas e amarradas em suas cadeiras de rodas, muletas e bengalas, para que elas não sejam roubadas por marginais em busca de trocar seus equipamentos por drogas. Sim, além de morar nas ruas, eles ainda podem ser vítimas dos famosos “nóias gatunos da madrugada”.

Essa é uma história que está sendo documentada há mais de 30 dias, quando resolvemos gravar uma série de entrevistas que fará parte de um documentário exclusivo, que será produzido para ser levado para o poder público municipal, evidenciando a importância de uma solução imediata para este cenário caótico e de muita tristeza, além de falta de humanidade e completo cenário de exclusão.

Os números impressionam. Em uma cidade que abriga entre 280 e 320 mil pessoas com deficiência inscritas no CADÚNICO em condições de pobreza, extrema pobreza ou dependentes de BPC. E a inexistência de um único espaço municipal preparado ou com estruturas básicas exclusivas para garantir uma noite de sono digna é mais do que um descaso: é um projeto político silencioso de exclusão.

São Paulo/SP é uma vitrine de beleza inclusiva, mas que esconde nos seus bastidores, a vergonha da exclusão. Nossa reportagem percebeu que muitas destas pessoas se enveredam pelos abrigos convencionais, mas lá, muitas vezes, não existem camas adaptadas, unidades com piso



tátil e acompanhantes para pessoas com deficiência visual, não existem banheiros acessíveis em número suficiente para uma simples higiene íntima básica. Enfim, a cada dia que saímos pelas ruas e conhecemos as inúmeras histórias de um bastidor de tristeza, essa exclusão fica mais latente.

Fizemos uma pesquisa junto à rede municipal, que confirma que o acolhimento não contempla pessoas com deficiência. A Prefeitura de São Paulo/SP opera Centros de Acolhida (CA) e Centros de Acolhida Especial (CAE), mas nenhum deles é destinado - ou sequer é adaptado - para receber pessoas com deficiência em situação de rua ou vulnerabilidade severa. O único serviço público que poderia oferecer um acolhimento permanente digno seriam as Residências Inclusivas (RI), mas elas não pertencem ao município: são equipamentos estaduais, operados por entidades conveniadas. E mesmo assim, existem apenas algumas unidades para atender toda a enorme e diversa capital paulista, sendo insuficientes.

Uma inclusão disfarçada por luzes e grandeza

A triste notícia é que a cidade que ilumina prédios “pela inclusão”, que deseja se igualar às grandes metrópoles mundiais através da criação de “boulevards”, não garante o básico - é uma cidade exclusiva para as pessoas com deficiência em estado de vulnerabilidade social. Uma cidade de fachada, uma cidade de vitrine iluminada

e bastidores obscuros pela crueldade da omissão do poder público municipal, onde milhares de pessoas com deficiência vivem em um limbo entre políticas desconectadas e estruturas inexistentes.

Os contos das pessoas excluídas, gravadas em nossa reportagem, não param por aí, pois mesmo quando procuram abrigo, encontram portas estreitas, escadas sem corrimão, colchões inadequados, falta de cuidadores, ausência de acessibilidade visual, auditiva ou motora - ou simplesmente a recusa no atendimento, já que os equipamentos não são preparados para recebê-las. Podemos afirmar que, preliminarmente, a somatória de tudo isso é brutal: são mais de 300 mil pessoas com deficiência pobres ou extremamente pobres, nenhum equipamento municipal preparado, uma cidade rica que não garante sequer o direito básico de se deitar com dignidade.

Sabemos que a discussão não é meramente técnica. É também ética. É sobre o tipo de cidade que estamos dispostos a desenvolver. Afinal, uma metrópole capaz de sediar grandes eventos internacionais, investir bilhões em obras viárias e privatizações, que promove mega shows oferecidos de graça à população com artistas de renome, ainda é incapaz de garantir uma simples cama adequada, um banheiro acessível ou um piso tátil para seus cidadãos mais vulneráveis.

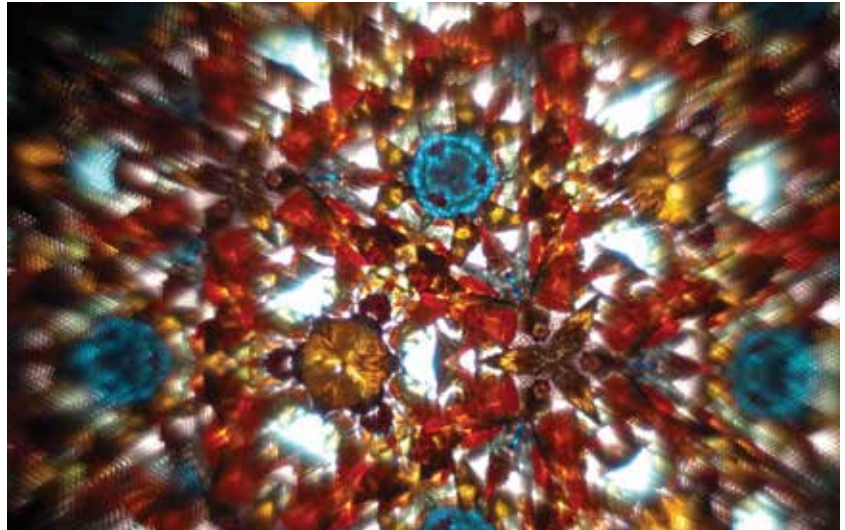
Enquanto São Paulo/SP se orgulha de ser a “capital das oportunidades”, pessoas com deficiência em extrema vulnerabilidade continuam esquecidas pelo poder público. Essa história não termina por aqui, aguardem. Logo o nosso documentário estará finalizado. E o mais importante: também estamos abertos para as manifestações de todas as esferas do poder público, afinal todo bom documentário precisa ouvir os diversos lados de uma mesma moeda. 🗣️



Rodolfo Sonnewend
é presidente do
Instituto Humanus,
entidade do
terceiro setor

que está desenvolvendo a temática
da empregabilidade das Pessoas com
deficiência junto ao poder público.
E-mail: contato@institutohumanus.org.br

Mulheres com Deficiência: o olhar do caleidoscópio



A imagem de um caleidoscópio é composta por pequenos fragmentos que, ao serem girados, criam padrões infinitos e complexos. Quando aplicamos essa metáfora à vida das mulheres com deficiência, deixamos de enxergar apenas a “limitação” para observar a interseccionalidade — a junção de gênero, raça, classe, sexualidade e a própria deficiência.

A Quebra da Imagem Estática

Historicamente, a sociedade impôs às mulheres com deficiência um papel binário e injusto: ou eram vistas como “heroínas” por realizarem tarefas cotidianas, ou como “vítimas” assexuadas e dependentes. O olhar do caleidoscópio estiliza essa imagem estática. Ele revela que a deficiência é apenas uma das cores que compõem o padrão, e não o desenho inteiro. Uma mulher com deficiência é, simultaneamente, profissional, amante, mãe, ativista e cidadã.

Interseccionalidade: as Cores que se Cruzam

Nenhuma peça do caleidoscópio brilha sozinha. Para entender a experiên-

cia dessas mulheres, precisamos entender como as opressões se sobrepõem:

Capacitismo e Sexismo: a barreira dupla de ser mulher em uma sociedade patriarcal e ter um corpo dissidente em uma sociedade produtivista.

Corpo e Autonomia: o direito ao desejo e à maternidade, frequentemente negados por um sistema que infantiliza corpos com deficiência.

Invisibilidade Social: como a falta de acessibilidade urbana e digital atua como uma forma de silenciamento.

A Beleza na Mudança de Perspectiva

Assim como o caleidoscópio revela uma nova beleza a cada movimento, o empoderamento das mulheres com deficiência exige que a sociedade mude seu ângulo de visão. “Não somos nós que precisamos nos ajustar ao padrão; é o padrão que deve ser fragmentado para que todas as formas de existência caibam nele.”

Isso envolve:

Representatividade Real: ver mulheres com deficiência em cargos de liderança e na mídia, não como exceções, mas como parte da diversidade humana.

Desenho Universal: entender que a acessibilidade beneficia a todos, permitindo que o caleidoscópio gire livremente.

Voz Própria: o lema “Nada sobre nós, sem nós” é o motor que gira esse instrumento.

Conclusão

Olhar para a mulher com deficiência através do caleidoscópio é reconhecer que sua identidade é dinâmica, vibrante e multifacetada. É entender que a simetria perfeita não está na padronização dos corpos, mas na harmonia entre as diferenças.

Ao girarmos o tubo e mudarmos nossa perspectiva, deixamos de ver “falta” e passamos a ver potência.

Até nosso próximo encontro !!! 🌐



Márcia Gori

é bacharel em Direito-UNORP, Graduanda em Psicologia,

Presidente-fundadora da Ong ESSAS MULHERES”, Idealizadora da Assessoria de Direitos Humanos - ADH Orientação e Capacitação LTDA, Ex-presidente do Conselho Estadual para Assuntos da Pessoa com Deficiência - CEAPcD/SP 2007/2009, ex - apresentadora do Programa Diversidade Atual no canal 30-RPTV, ex- Conselheira Estadual do CEAPcD/SP 2009/2011, ex-Presidente do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência de São José do Rio Preto/SP 2009/2012. Idealizadora do I Simpósio sobre Sexualidade da Pessoa com Deficiência do NIS – Núcleo de Inclusão Social da UNORP, Seminário sobre Sexualidade da Pessoa com Deficiência na REATECH 2010 a 2013, co-realizadora do I Encontro Nacional de Políticas Públicas para Mulheres com Deficiência em 2012, capacitadora e palestrante sobre Sexualidade, Deficiência e Inclusão Social da Pessoa com Deficiência, modelo fotográfico da Agência Kica de Castro Fotografias.

E-mail: marcia_gori@yahoo.com.br

Falas capacitistas são políticas que isolam em vez de incluir



A verdadeira política pública para pessoas com deficiência é o isolamento social.

Em audiência pública na Câmara Municipal de São Caetano do Sul/SP, realizada em 29 de abril deste ano, o então secretário de Esportes, Lazer e Juventude, Mauro Roberto Chekin, fez declarações consideradas capacitistas. Ele classificou a inclusão de crianças autistas e pessoas com deficiência em atividades esportivas como “um problema muito grande” e citou o caso de uma mãe que solicitava vaga para a filha autista, usuária de fralda, em aulas de natação na cidade. Ele questionou como poderia colocar a menina dentro da água de fralda? Em seguida, relatou uma experiência de estágio, dele próprio, na AACD, durante uma aula de natação para pessoas com deficiência, afirmando que ele saiu da piscina e pensou já na época, que se fosse para ele trabalhar desse jeito, ele não gostaria nunca mais de voltar lá.

As falas geraram forte repercussão, porque demonstraram preconceito,

despreparo e desconhecimento de soluções simples e já conhecidas, como o uso de roupas e fraldas apropriadas para atividades aquáticas, por parte de um secretário de governo de uma das prefeituras mais importantes do estado de SP.

O uso de fralda depende das características e necessidades de cada pessoa e não diminui ninguém. A necessidade de utilizar fralda, seja por deficiência, condição neurológica, desenvolvimento atípico ou qualquer outra limitação física ou cognitiva, não reduz a dignidade, a humanidade ou os direitos de uma pessoa, quanto mais de uma criança com deficiência.

Após a repercussão da fala, circularam nas redes sociais vídeos de pais e familiares de crianças autistas respondendo diretamente às declarações do então secretário. Em uma dessas gravações, o pai de um menino autista reproduziu a fala de Mauro Chekin e respondeu de forma irônica e didática, afirmando que explicaria “como se co-

loca uma criança com deficiência que usa fralda dentro da piscina” e que isso ocorre exatamente como com qualquer outra criança. O vídeo ganhou repercussão porque demonstrou que a situação apresentada como “um problema muito grande” possuía solução simples, já conhecida por famílias, cuidadores e profissionais minimamente preparados para lidar com inclusão. Ao final, o pai da criança afirmou que faltaram empatia e humanidade nas declarações do secretário.

O problema não foi apenas falta de informação, mas falta de interesse em entender o assunto. Chekin contou que decidiu desde muito cedo, que não queria trabalhar com pessoas com deficiência. Qualquer profissional pode escolher sua área de atuação, mas um ocupante de cargo público, não. Quem exerce função pública tem obrigação de atender toda a população.

O Ministério Público de São Paulo abriu investigação para apurar a conduta do então secretário. Independentemente das consequências jurídicas, o conteúdo das falas ultrapassa o limite do aceitável para alguém que exercia função pública. Não se trata de alguém que “não sabia o que estava falando”.

Pessoas com deficiência são motivo de orgulho para o Brasil

Desde a primeira participação olímpica, em 1920, o Brasil conquistou 171 medalhas. Nos Jogos Paralímpicos, desde 1972, o país já alcançou 463 medalhas. Isso não aconteceu por caridade e nem por acaso. Aconteceu porque houve investimento, oportunidade e estrutura. Para milhões de pessoas com deficiência, o esporte não significa apenas competição: significa autonomia, autoestima, independência financeira, reconhecimento social e possibilidade concreta de transformação de vida. Ele é ferramenta de inclusão. Se o Brasil se tornou potência no paradesporto, especialmente na natação, isso prova que a solução nunca foi excluir pessoas com deficiência, mas investir em qualificação profissional, adaptação e acesso. A realidade do esporte paralímpico destrói a ideia de que deficiência significa incapacidade.

Infelizmente, na maior parte das vezes, quem sustenta financeiramente o

desenvolvimento esportivo, terapêutico e social das pessoas com deficiência não é o Estado, mas as próprias famílias. São pais e mães que pagam fisioterapia, natação adaptada, transporte, equipamentos, medicamentos, acompanhamento especializado e atividades esportivas, muitas vezes sacrificando a própria estabilidade financeira familiar. O discurso de gestores públicos que tratam inclusão como “problema” revela justamente o distanciamento da realidade. O Estado costuma aparecer tarde, de forma limitada e burocrática.

As declarações de Chekin contrariam diretamente a Lei Brasileira de Inclusão. O Ministério do Esporte e o Comitê Paralímpico Brasileiro divulgaram notas de repúdio, classificando as falas como incompatíveis com princípios básicos de igualdade e dignidade. O Ministério Público também investiga possível prática de capacitismo institucional e omissão na oferta de serviços inclusivos. A repercussão saiu do âmbito local e ganhou dimensão nacional. Tanto, que em 8 de maio, o então secretário apresentou pedido de exoneração. Na carta divulgada, reconheceu que sua “abordagem não foi adequada”, mas evitou assumir de forma clara o caráter capacitista das declarações.

Quanto mais se mexe, fica ainda pior

Em outro momento da mesma audiência pública, durante conversa entre Chekin e o presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul/SP, Dr. Seraphim, este fez uma infeliz comparação da situação comentada por Chekin com uma “corrida de Fórmula 1 com pessoas cegas”, mencionando que pessoas com deficiência “têm que fazer o que podem e não o que querem”, e que elas “não têm condição de competir com uma pessoa normal”. O problema não foi apenas uma frase mal colocada, mas sim, revelou uma forma de pensamento muito presente em parte do poder público.

Inclusão não significa ignorar limites individuais. Significa garantir estrutura, adaptação, avaliação técnica e oportunidade. Quando alguém fala em “pessoa normal”, automaticamente coloca a pessoa com deficiência como anormal. Muitas vezes o preconceito aparece disfarçado de “realismo”, experiência profissional ou preocupação técnica. É assim que a exclusão se normaliza.



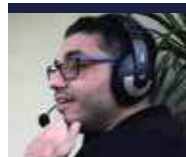
O prefeito da cidade afirmou que a administração municipal ficou chocada com o episódio e destacou os investimentos do município em inclusão e educação. Também defendeu que investirá em uma maior capacitação dos seus gestores e servidores públicos.

O Brasil ficou indignado com o secretário

A jornalista e âncora do Jornal da Band da Rede Bandeirantes de Televisão, Adriana Araújo, ao expor a experiência da própria filha com deficiência no balé, no judô e no vôlei, mostrou algo que muitas autoridades parecem incapazes de compreender: o esporte não serve apenas para formar campeões ou medalhistas. Ele produz autoestima, autonomia, coragem, socialização e dignidade.

No meu caso, como pessoa com deficiência, essas declarações do secretário me causaram profunda ofensa e me afetaram até fisicamente. Me causaram enjoo e repulsa. Até porque, conheço de perto a realidade negada por esse tipo de discurso.

Mais do que a exoneração de um secretário ou eventual responsabilização de autoridades, o episódio mostra que leis sozinhas não resolvem o problema. Enquanto pessoas com deficiência continuarem sendo vistas como obstáculo por parte do poder público, continuarão existindo políticas que isolam em vez de incluir. 🌐



Bruno Oliveira de Carvalho

é cadeirante, para-
atleta de Bocha
Adaptada e fala

sobre inclusão social. Escreve artigos assinados sobre temas diversos para veículos de comunicação e apresenta o podcast Consciência Inclusiva.
E-mail: bofc86@gmail.com

Campanha Hospitalidade Acessível

Fórum reúne setor de Bares e Restaurantes, poder público e especialistas



A primeira edição do Fórum Hospitalidade Acessível marcou o lançamento oficial da Campanha Hospitalidade Acessível que tem como propósito incentivar bares, restaurantes, cafés e serviços de delivery a adotarem práticas cada vez mais inclusivas e acolhedoras. Ao longo dos painéis, ficou claro que a acessibilidade vai além da obrigação. Ela se apresenta como um grande ativo estratégico, impacta diretamente como as pessoas vivem, consomem e se relacionam com marcas.

O encontro reuniu lideranças para discutir este ponto central: como transformar avanços em inclusão real no dia a dia dos espaços de encontro e convivência. No final, a mensagem foi clara: incluir não é apenas fazer o certo. É uma oportunidade de agregar valor e gerar novas receitas para os negócios.

Transformar avanços legais em experiência real

Ficou evidente que o desafio já não está na legislação, mas na sua aplicação prática, especialmente em bares, restaurantes e espaços de convivência, onde

a inclusão ainda esbarra na falta de conhecimento e informação. Acessibi-

lidade não se limita à infraestrutura, mas envolve participação, pertencimento e a possibilidade de vivenciar plenamente a cidade. Trata-se de uma transformação cultural que reposiciona a hospitalidade como experiência inclusiva.

A inclusão é também uma ação concreta de negócio. A acessibilidade não deve ser vista como custo, mas como valor, diferencial competitivo e oportunidade de crescimento para o setor. A abertura do evento contou com a participação de Joaquim Saraiva e Ana Salles da ABRASEL em SP, Marcos da Costa da SEDPCD e Nelson Rocha da Conexão Corporativa, que reforçaram a importância de aproximar o debate institucional da realidade do setor. Afinal, hospitalidade é sobre pessoas, e a inclusão é consequência de uma cultura que acolhe. Mais do que adaptar espaços, é preciso transformar a forma de pensar e atender.

A inclusão deixa de ser custo e passa a ser estratégia

A mensagem final desta pauta do Fórum, foi que incluir não é apenas fazer o certo, é a chance de fazer melhor e gerar valor para todos. A provocação essencial no setor é inclusão como estratégia, não como custo operacional. Sem comunica-

ção acessível a inclusão simplesmente não acontece. E a tecnologia tem papel fundamental para viabilizar autonomia e ampliar o acesso de todos.

A mudança ainda é cultural, limitada pela falta de conhecimento, informação e sensibilização, que impede a inclusão de sair da intenção e chegar à prática. A experiência começa antes do consumo. Acessibilidade não é adaptação pontual, mas estratégia integrada. A comunicação é o ponto central da acessibilidade.

A inclusão não começa na estrutura, começa nas pessoas

A inclusão é um processo em construção, o mais importante é começar. Não basta o discurso, é preciso consistência no dia a dia, com equipes preparadas e decisões intencionais, conectando atendimento, cultura e experiência. A inclusão acontece na forma como o cliente é acolhido.

A experiência de empresários do setor com a acessibilidade e inclusão, incentivaram os presentes, mostrando que o esforço vale a pena e é cada vez mais importante para o sucesso do negócio.

Hospitalidade Acessível como política pública viva

O debate conectou inclusão com políticas públicas e o direito à convivência nas cidades. A acessibilidade no setor vai além da gestão interna e impacta diretamente a forma como as pessoas vivem, circulam e participam da sociedade. A inclusão é autonomia e experiência real. Não se trata apenas de cumprir leis, mas de garantir participação efetiva. O setor privado tem um importante papel como agente de transformação.



A acessibilidade e o turismo estão ligados. Ampliar o acesso também impulsiona fluxo, consumo e oportunidades. O turismo pode ser uma ferramenta de inclusão e desenvolvimento. Soluções simples ampliam o atendimento e atraem novos consumidores.

A comunicação é a chave para a inclusão e quando ela acontece, a barreira desaparece, e um público que já existe passa a fazer parte da experiência nos estabelecimentos. O digital pode ser uma porta de entrada da jornada do cliente e a acessibilidade online conecta pessoas desde o primeiro contato e representa uma oportunidade direta de crescimento. Mas o acesso à informação, muitas vezes passa por soluções simples, gerando confiança, pertencimento e fidelização, como um simples cardápio em Braille ou um atendimento em Libras, mesmo que virtual, por exemplo.

O setor diante de uma mudança inevitável

A primeira edição do Fórum Hospitalidade Acessível se consolidou como um marco de mudança no setor. Os painéis trouxeram um diagnóstico claro: o Brasil avançou na legislação, mas ainda há muito a ser feito na prática. A acessibilidade ainda não faz parte da rotina da maioria dos negócios, por falta de preparo, conhecimento, informação ou prioridade. Ao mesmo tempo, ficou evidente que há um movimento em curso. Empresas e lideranças já começam a transformar inclusão em estratégia, conectando experiência, cultura e resultado.

O desafio já não é a falta de soluções. Elas existem e são, muitas vezes, simples. O que falta é decisão. Também ficou claro o tamanho da oportunidade: um público historicamente invisibilizado segue fora da experiência, não por escolha, mas por falta de acesso. As oportunidades estão na mesa. Quem agir agora e começar a transformar acessibilidade e inclusão em ativos do negócio.

O importante é enxergar a acessibilidade como valor. Inclusão como cultura. Convivência como prática. Experiência como estratégia. E oportunidade como resultado.

O futuro do setor já começou. E ele é acessível. A pergunta é: quem vai liderar essa transformação? 🌐

O Carnaval é o maior espetáculo do mundo, mas para quem ?

A Biomob vem provocando a reflexão sobre acessibilidade e inclusão nos grandes eventos brasileiros



O Carnaval brasileiro é reconhecido mundialmente como o maior espetáculo da Terra. Ele movimenta o turismo, impulsiona a economia e projeta o país como referência em cultura e celebração. Entre 2024 e 2026, a festa consolidou-se como o principal motor da economia de serviços e turismo nacional, atingindo recordes históricos de arrecadação e público.

Somente em 2026, o Carnaval movimentou R\$ 18,6 bilhões na economia brasileira, com estimativa de 65 milhões de participantes — um crescimento de 22% em relação ao ano anterior. Capitais como São Paulo/SP (16,5 milhões de foliões), Rio de Janeiro/RJ (8 milhões), Recife e Olinda/PE (7,6 milhões) e Salvador/BA (8 milhões) concentraram grande parte desse impacto econômico.

Mas, em meio à grandiosidade da festa e aos números bilionários, surge uma pergunta necessária: o Carnaval é realmente um evento democrático para todas as pessoas ?

A Biomob, empresa especializada em acessibilidade, equidade e inovação, levanta essa reflexão ao defender que inclusão vai muito além da instalação de rampas ou áreas reservadas. Para a organização, acessibilidade significa eliminar barreiras físicas, comunicacionais, digitais e comportamentais que possam restringir a participação plena de qualquer pessoa, especialmente em eventos de massa que operam em alta complexidade urbana e sensorial.

A empresa adota os conceitos de diversidade funcional e neurodiversidade para ampliar o olhar sobre inclusão.



Isso significa reconhecer que cada pessoa vivencia o mundo de forma diferente, seja por uma deficiência permanente, uma condição temporária ou por características cognitivas e sensoriais próprias.

Em um evento como o Carnaval, marcado por multidões densas, som que ultrapassa 100 decibéis, estímulos visuais intensos, calor e longos períodos em pé, essas diferenças se tornam ainda mais evidentes. O que para muitos é apenas animação, para outros pode representar uma barreira real à participação.

O desafio da escala

Quanto maior o evento, maior o desafio, e maior a responsabilidade.

O crescimento exponencial do público e da movimentação financeira ampliou também a pressão por estruturas urbanas e organizacionais mais preparadas. A discussão sobre acessibilidade deixou de ser simbólica e passou a integrar o planejamento técnico dos grandes eventos.

Um exemplo é o tradicional Galo da Madrugada, considerado um dos maiores blocos de rua do mundo, realizado em Recife/PE. Em 2026, o bloco reuniu cerca de 2,5 milhões de pessoas e estruturou uma “Ala da Acessibilidade” com trio elétrico exclusivo, intérpretes de Libras e audiodescritores. A iniciativa contou com equipe especializada e número crescente de participantes com deficiência, demonstrando que inclusão em eventos de massa é tecnicamente possível quando há planejamento estruturado.

Ainda assim, a escala monumental do Carnaval expõe fragilidades urbanas históricas: calçadas estreitas, ausência de guias rebaixadas, ocupação irregular de ambulantes e dificuldades logísticas de transporte acessível.

Onde precisamos evoluir?

A Biomob aponta 3 frentes estratégicas para tornar o Carnaval verdadeiramente inclusivo:

1. Visão de mercado

Pessoas com diversidade funcional e pessoas neurodiversas não devem ser vistas como beneficiárias de favores, mas como consumidoras reais.

O Brasil possui 18,6 milhões de pessoas com deficiência (segundo o Censo 2022/IBGE), o equivalente a 8,9% da população, com potencial de consumo estimado em bilhões de dólares. No cenário global, esse mercado movimenta trilhões.

Ainda assim, a maioria relata dificuldades graves em estabelecimentos físicos, e grande parte já deixou de consumir por falta de acessibilidade. Ignorar esse público significa perder receita e comprometer reputação.

2. Capacitação de equipes

Não basta oferecer áreas reservadas. É essencial investir em treinamento antiprecatório e em protocolos de atendimento inclusivo.

Casos recentes evidenciam falhas no setor privado, especialmente em ca-

marotes de alto padrão, com ausência de sinalização adequada, rampas mal dimensionadas e equipes despreparadas. Inclusão exige preparo técnico, não improviso.

3. Comunicação acessível

A presença de intérpretes de Libras, audiodescrição e recursos acessíveis precisa ser planejada mesmo em ambientes de alta complexidade.

Experiências bem-sucedidas em grandes sambódromos mostram que a acessibilidade comunicacional pode ser estruturada de forma contínua e profissional, garantindo autonomia e participação plena. Ainda assim, a exclusão muitas vezes começa antes da folia, na compra de ingressos e no acesso às informações digitais, que nem sempre seguem padrões de acessibilidade.

Inclusão como estratégia ESG

A discussão sobre acessibilidade também se conecta diretamente às práticas de ESG (Environmental, Social and Governance), fortalecendo o compromisso social dos organizadores e patrocinadores com diversidade e responsabilidade corporativa.

Cidades que investem em políticas estruturadas de acessibilidade colhem ganhos em imagem pública, retenção de público e diversificação de mercado. Para a Biomob, a empatia é o ponto de partida, mas a estratégia é o que sustenta a transformação.

O que para muitos parece detalhe, uma rampa, um mapa acessível, uma zona silenciosa, para outros é a condição básica de participação. Transformar o maior espetáculo do mundo em um espetáculo verdadeiramente acessível não é apenas um ideal: é um desafio coletivo e plenamente possível. 🌐



Valmir de Souza
é COO da Biomob,
startup especializada
em consultoria
para acessibilidade

arquitetônica, digital e atitudinal; criação e adaptação de sites e aplicativos às normas de acessibilidade; além de atuar na capacitação de pessoas com deficiência para o mercado de trabalho.
E-mail: biovalmir@gmail.com

A Crise Invisível: como as mudanças climáticas ameaçam a autonomia e a segurança das pessoas com deficiência

Estamos vivendo a era mais quente da história humana. Dados científicos robustos confirmam que 2023 foi o ano mais quente desde o início dos registros sistemáticos, com temperaturas globais 1,48°C acima dos níveis pré-industriais. Este recorde segue uma tendência alarmante – os últimos 9 anos foram os mais quentes já registrados. Ondas de calor extremo não são meramente desconfortáveis; são fatais. Causam fadiga, reduzem a produtividade econômica em até 20% em setores expostos e, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), contribuíram para aproximadamente 489.000 mortes anuais relacionadas ao calor entre 2000 e 2019.

O aquecimento global, no entanto, não se resume ao aumento de temperaturas ou aos termômetros. É um catalisador de eventos extremos: chuvas torrenciais, inundações, ventanias e secas prolongadas, que desestabilizam ecossistemas, economias e, sobretudo, a vida das pessoas mais socialmente vulnerabilizadas.

O Ônus Climático Desigual e a Interseção com a Deficiência

Conceitos cruciais são criados: “ônus climático” e muitos já começam a falar sobre “justiça climática”. Populações em situação de vulnerabilização socioeconômica são as primeiras e as mais gravemente impactadas.

No entanto, há um grupo ainda mais negligenciado: são as mais de 1,3 bilhão de pessoas com deficiência no mundo (16% da população global, segundo o Relatório Mundial sobre Deficiência da OMS): 80% delas moram em países pobres e em áreas de alto risco. Para elas, as mudanças climáticas representam uma ameaça multiplicada, atacando sua autonomia, segurança e dignidade de formas específicas e frequentemente invisibilizadas.

Os Desastres como Causa de Novas Deficiências e Agravamento de Condições

Eventos climáticos extremos são “geradores diretos” de deficiência. Enxurradas, desmoronamentos, acidentes e outros causam lesões que podem resultar em deficiências físicas permanentes.

Após o furacão Katrina, por exemplo, 15% dos sobreviventes de Nova Orleans (EUA) relataram ter adquirido uma deficiência



física nova ou temporária, fora o trauma psicológico decorrente das perdas e do medo constante que exacerba condições de saúde mental. Estudos indicam que a prevalência de transtorno de estresse pós-traumático pode dobrar em comunidades afetadas por desastres, como aconteceu nas enchentes no Rio Grande do Sul em 2024. Porém, não precisamos ir longe: os apagões causados pela ENEL Brasil

em São Paulo causaram traumas, como a impossibilidade de carregar baterias do celular, da cadeira de rodas, aparelhos auditivos ou equipamentos de suporte à vida.

Autismo e calor

Pessoas autistas apresentam, com frequência, alterações no processamento sensorial e na regulação térmica, o que torna o calor excessivo e as mudanças bruscas de temperatura particularmente difíceis de tolerar.

Estudos indicam que esses indivíduos podem ter hiper ou hipossensibilidade interoceptiva, dificultando a percepção e o controle da própria temperatura corporal, além de maior sensibilidade ao suor, à umidade e ao contato da roupa com a pele.

O calor intenso pode amplificar a sobrecarga sensorial, levando ao aumento de ansiedade, irritabilidade, fadiga cognitiva, dificuldade de concentração e maior incidência de crises (meltdowns).

Mudanças rápidas de temperatura — como a transição entre ambientes externos quentes e locais com ar condicionado muito frio — também afetam a previsibilidade sensorial, fator central para o bem-estar de pessoas autistas.

Do ponto de vista fisiológico, há evidências de diferenças na resposta do sistema nervoso autônomo, com menor eficiência na adaptação térmica, o que reforça a importância de ambientes termicamente estáveis, planejamento climático e adaptações razoáveis como controle de temperatura, ventilação adequada e pausas para autorregulação.

O Ataque Direto aos Suportes Vitais: Dados Técnicos e Econômicos

Para quem já vive com uma deficiência, o clima extremo é um agressor do seu suporte vital, com custos econômicos diretos e significativos.

• **Calor Extremo:** a eficiência de baterias de lítio, comuns em cadeiras de rodas motorizadas e dispositivos de comunicação, cai drasticamente acima de 35°C e sua vida útil é reduzida permanentemente. O custo médio de uma cadeira de rodas motorizada ultrapassa US\$ 2.000 (nos EUA), com baterias representando até 30% do valor. A substituição precoce devido a danos térmicos impõe um custo extra. Medicamentos essenciais, que exigem cadeia de frio (como insulina), podem se tornar inutilizáveis, gerando perdas diretas e riscos à saúde.

• **Falhas no Fornecimento de Energia:** apagões prolongados desconectam a pessoa de sua rede de autonomia. Nos EUA, entre 2011 e 2021, o número de apagões relacionados ao clima mais que dobrou, afetando desproporcionalmente comunidades vulneráveis. Para quem depende de ventilação pulmonar ou de uma bomba de infusão de nutrição, uma queda de energia sem backup significa emergência médica imediata.

• **Custos Exponenciais:** o custo de vida é substancialmente mais alto para uma pessoa com deficiência. No Reino Unido, a Scope estima que esse custo extra (“disability price tag”) seja em média £ 975 por mês (cerca de R\$ 6.000), correspondente a equipamentos, tratamentos, transportes especializados e necessidades energéticas maiores. Mudanças climáticas inflacionam esse custo, demandando investimentos em adaptação residencial (geradores, sistemas de resfriamento, proteção contra inundação) que podem variar de US\$ 3.000 a US\$ 15.000 por domicílio.

A Exclusão na Resposta a Desastres e os Custos Sociais

A ausência de medidas de proteção a pessoas com deficiência durante desastres resulta em expressivos custos humanos e econômicos. Durante o incêndio de Paradise, na Califórnia/EUA (2018), a taxa de mortalidade de pessoas com deficiência foi desproporcionalmente alta, evidenciando a falha dos planos de evacuação.

Reconstruir uma vida após perder equipamentos essenciais em um desastre não é apenas caro para o indivíduo: também sobrecarrega os sistemas de saúde e assistência social.

A dependência forçada, por falta de adaptação, demanda iniciativas que geram custos a longo prazo, que poderiam ser evitados com investimentos antecipados.

Conclusão: Imperativos de Liderança, Inovação e Inclusão Estratégica

A crise climática é, portanto, também uma crise aguda de acessibilidade. Ignorar essa interseção é um erro estratégico, moral e econômico.

Para os líderes empresariais e formuladores de políticas, o caminho a seguir é claro:

• **Inovar considerando a Resiliência Inclusiva:** o mercado de tecnologia assistiva, projetado para resistir a extremos climáticos, representa uma oportunidade econômica e de impacto social. Normas de durabilidade térmica e hidráulica devem ser incorporadas.

• **Garantir Infraestrutura Crítica Inclusiva:** planos de



resiliência energética devem identificar e priorizar o fornecimento de tecnologias médicas para pessoas dependentes de tecnologias médicas, mitigando riscos e custos emergenciais posteriores.

• **Incluir nos Planos de Risco e Orçamentos:** todos os planos de resposta a desastres e políticas de adaptação climática devem ter capítulos específicos e orçamento dedicado para a proteção de pessoas com deficiência, seguindo o princípio “Nada sobre nós, sem nós”. Todos podem se beneficiar: idosos, obesos, pessoas com mobilidade reduzida (situacional, temporária ou permanente). Ou seja: trata-se de investimento e não somente de custo ou adequação para compliance.

• **Financiar e direcionar a adaptação:** mecanismos financeiros, como subsídios e seguros acessíveis, devem cobrir os custos extras de adaptação climática para pessoas com deficiência, reconhecendo essa vulnerabilidade específica.

Combater as mudanças climáticas com uma lente de acessibilidade não é um gasto; é um investimento em dignidade humana, em resiliência econômica e em justiça social.

A verdadeira medida do nosso progresso não será dada apenas pela redução das emissões de carbono, mas pela segurança e autonomia que garantiremos aos mais vulnerabilizados em um mundo em transformação.

O clima está mudando. Nossa resposta não pode deixar ninguém para trás. A hora de agir, de forma inclusiva e decisiva, é agora. 🌍



Thierry Marcondes

é especialista em inovação, acessibilidade e transformação digital, com uma trajetória voltada a construir soluções mais humanas, inclusivas e sustentáveis. Foi Head de Transformação Digital na L'Oréal e Líder de Ecossistema na

Accenture, além de atuar como fundador de startups, conselheiro em organizações como a Wylinka e professor convidado na Fundação Dom Cabral (FDC). Reconhecido como LinkedIn Top Voice 2024, compartilha reflexões sobre inclusão, tecnologia e futuro do trabalho, conectando estratégia, impacto social e inovação para inspirar líderes e organizações.
E-mail: Marcondes.thierry@gmail.com



Marta Gil

é Socióloga, Fundadora e Coordenadora Executiva do Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas; consultora para empresas e órgãos públicos, palestrante em eventos nacionais e internacionais, produtora de conteúdo.

E-mail: martaalmeidagil@gmail.com

A Impotência que me Visita

A impotência de um terapeuta ocupacional diante de um paciente em estado terminal - segundo diagnóstico médico

Talvez este seja o artigo mais difícil que escrevo. Um artigo pessoal, que talvez possa servir para muitos profissionais.

Quando nos deparamos com um cliente - ou paciente ou usuário, seja qual for o termo que se dá - nos deparamos não apenas com o limite do outro, mas também com os nossos.

A sensação de impotência é, muitas vezes, uma visita silenciosa no trabalho do terapeuta ocupacional. Principalmente quando estamos diante de um paciente cujo diagnóstico é um estado terminal.

A Terapia Ocupacional atua para promover independência, autonomia, funcionalidade, participação - para adaptar, treinar, reabilitar. É para ajudar o outro a conquistar o “fazer”. Mas... e quando o “fazer” está chegando ao fim? E quando o corpo não responde mais,? E quando a doença avança e os objetivos clássicos da T.O. parecem não ter mais espaço?

É nesse momento que a impotência bate. Aquela pergunta que grita por dentro: “o que eu ainda posso oferecer se não há mais melhora funcional? Qual é o meu papel aqui?”.

Talvez seja aí que o nosso papel se transforma

A Terapia Ocupacional em cuidados paliativos não objetiva a cura. Objetiva o cuidado. Não busca a independência a longo prazo. Busca a dignidade no hoje, no agora. O “fazer” muda de forma.

Pode fazer o manejo da dor através do posicionamento no leito para um sono mais tranquilo, a adaptação de uma colher para que o paciente consiga comer algo sozinho. Pode buscar memórias, registros de histórias vividas e eternizadas. Pode incentivar um banho de sol na cadeira, para que a pele sinta o calor. Pode, sim, fazer “escuta”. Muitas vezes, o nosso instrumento terapêutico mais potente é o silêncio, um silêncio presente.

A impotência pode surgir quando medimos o nosso valor pela “produtividade” de quem atendemos. Mas o valor do



nosso trabalho, nesse contexto, está em garantir que a vida, enquanto existir, seja vivida com o máximo de conforto, sentido e significado possível.

Estar com o outro na sua “finitude” na terra, validando sua história e garantindo que ele seja protagonista até o fim, é uma das ocupações mais importantes que existem. E isso não é impotência. É potência de outra ordem. É a potência do cuidado, da presença, da humanidade.

Enquanto há vida, há ocupação. E enquanto há ocupação, há brilho. Mesmo que esse brilho seja apenas um piscar de olhos em resposta à uma conversa, uma música, um aperto de mão, um minuto de consciência ou um suspiro de alívio por estar sem dor.

É duro. É desafiador. E está tudo bem se sentir impotente às vezes. Acolher essa sensação também faz parte. Bom ressaltar, que estamos sempre incentivando e valorizando a vida até o último segundo dela.

A impotência que me visita: um dia em que eu entrei no quarto e travei

Ele estava ali, o protagonista dessa história, tão vulnerável! E eu, Terapeuta Ocupacional, com minha pasta de recursos, adaptações e planos de atuação, me senti vazia. Inútil. Impotente.

Aprendemos na universidade a promover autonomia, a treinar as AVDs - adaptar talheres, graduar atividades. Aprendemos a ensinar o outro a “fazer”. Mas ninguém me ensinou profundamente o que fazer quando o “fazer” está se despedindo. Quando o corpo diz “não dá mais” e quando a doença parece que já venceu a corrida contra o tempo.

Naquele dia, olhei para minhas mãos e pensei: “o que fazer?”. E foi ali, no meio do silêncio e do meu nó na garganta, que entendi que meu papel tinha que mudar - ou eu mudava junto, ou eu desistia.

Como estimular, como compreender um cérebro com pensamentos que já não consegue se expressar como antes, quando a comunicação está comprometida e são poucos os momentos de consciência, lucidez. Compreender nas entrelinhas vai além de técnicas... vai além dos cursos de especialização em Deficiência Visual.

Sim, a Terapia Ocupacional não é sobre reabilitar apenas para o futuro. É sobre dignificar o agora. É trocar a meta de “cozinhar sozinho”, por “sentir o cheiro do café”. É ajustar a cabeceira da cama, não para um exercício de postura, mas para que não sinta dor.

O meu “fazer” virou outro. Virou, muitas vezes, relembrar histórias, fazê-lo sorrir ou só segurar na mão e não dizer nada. Só estar. Ser presença.

A impotência ainda me visita, não vou mentir. Tem dias que saio do hospital com o peito pesado, achando que fiz pouco. Porque nós fomos capacitados para a cura, para a independência, para a alta. Mas hoje eu sei: eu não estou ali para impedir o que pode já estar determinado. Eu estou ali para servir à VIDA. Para garantir que, até o último capítulo, aquela pessoa ainda seja protagonista da sua história. Para orientar que parte da sua identidade não lhe pode ser tirada - seja um gosto ou uma barba comprida. Que ainda tenha escolhas, mesmo que a escolha seja só entre suco ou água, entre o responder ou ficar em silêncio.

É uma potência diferente... mais

POR Suely Carvalho de Sá Yanez

quieta, mais doída... mas, imensamente humana. E é a minha.

A impotência que me habita – imaginações

Penso em como ele, cego, pode se sentir com a minha presença, a “poderosa” que o ajudou a conquistar uma maior independência, a se virar sozinho, a sair na rua com a bengala com autonomia para comprar o que quisesse no mercado. As Atividades da Vida Diária. E agora ? Que vida ? Que atividades ? Que diária ?

Ele não consegue mais se levantar sozinho. As mãos que já construíram tantas coisas, agora têm pouca força para segurar um copo. Ele, que queria fazer tudo sozinho e, agora, a sua mente tão brilhante tem dificuldades de verbalizar palavras certas.

Essa é a sua impotência. Não é só o tumor, não é só a doença. É depender. É ser o corpo que precisa ser virado na cama, alimentação dada na boca e banho desafiador sendo dado pela equipe técnica da enfermagem. É estar sozinho, longe de casa.

Antes, resolvia. Agora é o que precisa ser resolvido... e não sei até quando e o que o espera amanhã. É uma caixinha de surpresas. É viver “um dia de cada vez”.

Percebo que tudo tem um propósito e observo o quanto as pessoas estão sendo impactadas nessa situação, refletindo e mudando conceitos e comportamentos.

Mas, esses dias, por um instante, ficou mais leve. Ouvi dele um: “fica mais um pouco” - que expressou que o momento estava bom. Enquanto eu estiver ali, mesmo “impotente”, eu ainda estou proporcionando atividade. E isso, eu começo a desconfiar, também é um jeito de fazê-lo brilhar.

O jogo não acabou... e nem termina aqui. Quem determina o tempo não somos nós, mas o Criador. 🌊



Suely Carvalho de Sá Yanez
é Terapeuta Ocupacional especializada

em Orientação e Mobilidade para pessoas com deficiência visual e atua na área de reabilitação e Consultoria especializada.
E-mail: suelydesa@hotmail.com

POR Kica de Castro



Estética Plural: quando a moda reconhece todas as pessoas com deficiência como referência de beleza

O tempo parece estar voando. Vamos combinar que rápido demais em 2026. Tendências nascem e desaparecem em ciclos quase instantâneos, enquanto a moda tenta acompanhar não só o ritmo do consumo, mas, sobretudo, as transformações sociais. Nesse fluxo acelerado, uma mudança se consolida: a beleza já não cabe em um único tipo físico.

Revisar narrativas tornou-se parte essencial da indústria. E essa revisão ganha profundidade quando o olhar se volta às pessoas com deficiência, historicamente invisibilizadas em passarelas, campanhas e editoriais. Durante décadas,

sustentou-se um ideal restrito, baseado na padronização dos corpos e na exclusão do que fugia a convenções impostas.

Atualmente, esse modelo já não se sustenta como referência única.

A presença de pessoas com deficiência em editoriais, passarelas e programas de televisão, marcam um avanço concreto, ainda insuficiente, mas irreversível. Elas deixam de ocupar apenas narrativas de superação para assumir espaços de estilo, protagonismo e identidade. Falamos aqui, sobretudo, de mulheres, pelo apagamento histórico mais acentuado, mas essa transformação atravessa todos os gêneros. Homens

e pessoas não binárias também redeseñham os contornos do que reconhecemos como beleza física.

Nesse movimento, vozes e trajetórias ajudam a traduzir essa virada de chave. A ativista brasileira Diana Mantovani, amputada de membro inferior, tornou-se uma das referências dessa transformação. “A deficiência não me tirou a feminilidade, ela ampliou a minha força”, afirma. Sua prótese frequentemente personalizada e incorporada ao look, deixa de ser apenas um recurso funcional e passa a integrar sua assinatura estética, reafirmando que tecnologias assistivas são também extensões do estilo.

No cenário internacional, a modelo colombiana Valentina Rocha Perez, que utiliza cadeira de rodas, reforça essa mudança de perspectiva: “Eu sempre amei moda. A diferença é que a moda demorou em me amar de volta”. Ao protagonizar campanhas, ela amplia o imaginário visual da indústria e deixa de lado antigos pensamentos de padrão de representação da beleza humana.

Se antes próteses, cadeiras de rodas, órteses e dispositivos eram ocultados, hoje assumem lugar na construção estética. Não como fetiche, mas como expressão legítima de identidade. O corpo, em sua complexidade, revela histórias, ritmos e singularidades que não devem ser apagadas. Mais do que inclusão, o diálogo avança para o campo do reconhecimento.

Pessoas com deficiência não buscam visibilidade como concessão simbóli-



Ariete Angotti

ca, mas como direito de participação plena em toda a cadeia da moda: da criação à comunicação, das passarelas às decisões estratégicas. São consumidoras, modelos, criadoras e profissionais que influenciam diretamente os rumos do setor.

Essa transformação é fruto de mobilização e enfrentamento ao capacitismo estrutural. Cada editorial, desfile ou campanha diversa desloca antigos referenciais e constrói novos repertórios visuais. Ainda assim, a visibilidade não resolve, por si só, a desigualdade.

As oportunidades no mercado de trabalho da moda precisam se ampliar diariamente, com consistência e equidade. Diversidade não é brincadeira, falamos desse assunto com seriedade. Um compromisso medido por escolhas: quem

contratamos, quem é fotografado e quem ocupa espaço de decisão.

Quando uma pessoa com deficiência se vê representada, algo se desloca. Não apenas na imagem refletida, mas nas possibilidades imaginadas. A representatividade, aqui, não é apenas estética, é projeção de futuro com qualidade de vida.

A moda sempre refletiu seu tempo. E, em um mundo que começa a reconhecer a pluralidade dos corpos, insistir em padrões únicos já não é apenas ultrapassado, pode ser classificado como irrelevante.

Para a modelo com nanismo, Ariete Angotti, o diálogo é pensando nas novas gerações: “Quando uma menina com deficiência abre uma revista e encontra alguém que se parece com ela ocupando as páginas de moda, recebe uma mensagem poderosa: seu corpo é digno de admiração, respeito e beleza”.

O tema beleza, atualmente, não se define. Se reconhece como evolução da humanidade. 🌐



Valentina Rocha Perez



Kica de Castro

é palestrante, publicitária e fotógrafa. Tem uma agência de modelos

para profissionais com deficiência desde 2007. É colunista/colaboradora da Revista Reação desde 2008. Em 2015 criou o programa de TV “Viver Eficiente”, que tem como objetivo dar voz e visibilidade para pessoas com deficiência.

Redes Sociais: @vivereiciente

Fxiste um tipo de violência que não grita. Ela sussurra com cara de bom senso.

A tal da obviedade é um clube exclusivo - e muita gente nunca recebeu o convite. Ainda assim, o mundo insiste em cobrar presença.

A ilusão da instrução completa

“Depois você organiza isso direitinho”. O que é “direitinho” ? Qual é o começo ? Qual é o fim ? Existe uma ordem ? Existe um tempo ? Existe um modelo ? Na cabeça de quem fala, tudo já está resolvido. Na cabeça de quem recebe, abriu-se um abismo.

E então vem o erro. E depois do erro, vem o julgamento: “mas eu já tinha explicado!”. Explicado... ou sugerido?

Pessoas com funcionamento cognitivo mais literal não operam no campo da suposição. Elas não “preenchem lacunas” com naturalidade. E isso não é deficiência - é um estilo de processamento. Enquanto muitos improvisam sentido, elas exigem estrutura. E veja o paradoxo:

“quem pede clareza costuma ser visto como limitado, quando, na prática, está apenas sendo rigoroso com a realidade”.

Cada erro baseado em instrução mal dada, vira um peso interno desproporcional. Porque não é só o erro. É o sentimento de:

- “Eu deveria ter entendido”
- “Tem algo errado comigo”
- “Eu sempre faço errado”

Existe uma inversão cruel acontecendo. Enquanto se cobra interpretação implícita, leitura social complexa e flexibilidade abstrata, deixa-se de lado qualidades que sustentariam qualquer sociedade minimamente decente:

- Honestidade brutal (sem jogos de interesse)
- Pontualidade quase ética
- Sinceridade sem maquiagem
- Compromisso real em não errar
- Energia disponível para aprender
- Intensidade (que, bem orientada, vira potência)



Não se trata de infantilizar a comunicação. Trata-se de qualificá-la. Portanto, troque o “faz isso depois”, por: “às 15h, você vai abrir o arquivo X, revisar os itens A, B e C, e me avisar quando terminar”. Troque o “organiza aí”, por: “separe por data, do mais antigo para o mais recente, e coloque em três pastas: financeiro, pessoal e trabalho”. Clareza não limita. Clareza liberta.

Outro mito curioso é o de que: repetir instruções é desnecessário. Para muitas pessoas, a repetição não é redundância - é consolidação. Por isso, repetir: reduz ansiedade, aumenta segurança, diminui erro e fortalece autonomia. Ou seja, economiza tempo emocional - algo que raramente entra nas planilhas, mas define o resultado final.

A mesma pessoa que “não rende” em um ambiente confuso, pode florescer em um ambiente estruturado. A mesma pessoa que “erra muito”, pode se

tornar extremamente precisa quando entende o sistema. A mesma pessoa que “não acompanha”, pode superar expectativas quando recebe instruções claras. Não é milagre. É ajuste de linguagem.

O mundo foi desenhado para quem entende sem precisar perguntar. Mas existe um outro tipo de inteligência: a que não aceita atalhos mal explicados. E talvez seja essa inteligência que esteja, silenciosamente, nos mostrando algo importante: comunicar bem não é falar muito - é garantir que o outro entenda.

O óbvio precisa ser repetido. E demonstrado. E validado. Porque quando a comunicação melhora, o erro diminui, a autoestima sobe, e o potencial - que sempre esteve ali - finalmente aparece. No fim, não é sobre adaptar pessoas ao mundo. É sobre o mundo parar de se esconder atrás do “óbvio” e começar, de fato, a dizer o que quer dizer. 🧠



Guto Maia

é pai atípico, neuropsicopedagogo Clínico e Institucional. Prêmio Mceys Qualidade Brasil – Saúde Mental e os Impactos da Tecnologia na Transformação Social. Professor Licenciado/pesquisador em Neuroética Cognitiva, orientador especialista da ENSP/

Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), cursos internacionais em Neurociência Cognitiva e Neurociência Aplicada à Educação pela USP, especialista em Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão; Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional; e Docência no Ensino Superior. Palestrante e consultor internacional.
E-mail: maiagutomaia@gmail.com

Longevidade e Inovação: desvendando o futuro da Economia Prateada (2025/2026)

O cenário global de envelhecimento populacional deixou de ser uma projeção distante para se tornar uma realidade palpável, impulsionando uma das transformações econômicas e sociais mais significativas do século XXI: a ascensão da Economia Prateada.

No Brasil, esse movimento é ainda mais acentuado, com a população 50+ não apenas crescendo em número, mas redefinindo padrões de consumo, comportamento e inovação. Este artigo explora as últimas tendências e estratégias para trabalhar, entender e servir eficazmente esse público, com base nos insights revolucionários de Susan Wilner Golden e sua abordagem “Stage (Not Age)”, que prioriza os estágios de vida em detrimento da idade cronológica. Analisaremos dados atualizados de 2025/2026, inovações tecnológicas e modelos de negócios emergentes que estão moldando o futuro da longevidade.

A Nova Longevidade: Além da Idade Cronológica

A visão tradicional do envelhecimento, frequentemente associada a declínio e inatividade, está sendo rapidamente substituída por um paradigma mais dinâmico e otimista: a Nova Longevidade. Este conceito reconhece que a vida após os 50 ou 60 anos é uma fase de renovação, aprendizado contínuo e contribuição ativa. Longe de serem um grupo homogêneo, os indivíduos 50+/60+ representam uma diversidade de interesses, capacidades e aspirações, desafiando estereótipos e exigindo uma abordagem mais personalizada.

A Susan Wilner Golden, em seu influente livro “Stage (Not Age): How to Understand and Serve People Over 60 – The Fastest Growing, Most Dynamic Market in the World”, argumenta que a idade cronológica é um indicador falho para compreender as necessidades e os comportamentos de consumo da população sênior. Em vez disso, ela propõe focar nos estágios de vida, que são moldados por fatores como saúde, finanças, relacionamentos e aspirações pessoais. Essa perspectiva é crucial para empresas e organizações que buscam inovar e prosperar na Economia Prateada, pois permite o desenvolvimento de produtos e serviços que realmente ressoam com a realidade multifacetada desse público.

O Poder Econômico da Geração 50+: dados e impacto (2025/2026)

A geração 50+ consolidou-se como uma força econômica inegável, impulsionando um mercado que as empresas não po-



dem mais ignorar. No Brasil, os dados de 2025/2026 reforçam essa realidade:

- **População Crescente:** em 2025/2026, o Brasil conta com aproximadamente 59 milhões de pessoas com 50 anos ou mais (De Olho no Mercado, 2025). Projeções indicam que, até 2044, os prateados representarão 40% da população brasileira (ONU, 2024).

- **Consumo Significativo:** a Economia Prateada já movimentava cerca de R\$ 1 trilhão do consumo privado total do Brasil, o que equivale a 24% dos gastos dos domicílios brasileiros (Oxford Economics, 2024; data8, 2025).

- **Projeção de Crescimento:** em 20 anos, o consumo prateado deverá dobrar, atingindo R\$ 3,8 trilhões e correspondendo a 35% do consumo domiciliar do país

(data8, 2025).

- **Poder Aquisitivo:** 78% dos brasileiros de alta renda têm mais de 50 anos, sendo os principais investidores do país e clientes mais rentáveis para setores como finanças, turismo, saúde e luxo (ANBIMA, 2025).

Este cenário demonstra que o público 50+/60+ não é apenas um segmento de mercado, mas um motor de crescimento econômico com alto poder aquisitivo e disposição para consumir. No entanto, o mercado ainda apresenta um notável despreparo, com muitas empresas falhando em oferecer produtos e serviços adequados às necessidades e desejos dessa geração (UOL Economia, 2025).

Inovação e Tendências na Economia Prateada (2025/2026)

As tendências para 2025/2026 na Economia Prateada são marcadas pela convergência de tecnologia, personalização e um foco crescente no bem-estar integral. A inovação, neste contexto, não se limita a gadgets, mas abrange a redefinição de modelos de negócios e a criação de soluções que promovam autonomia e qualidade de vida.

Tecnologia Assistiva e Inovação Invisível

A tecnologia desempenha um papel fundamental na promoção da autonomia e do bem-estar. Em 2026, a ênfase está na “inovação invisível”, onde a tecnologia se integra de forma fluida e imperceptível à vida dos usuários, proporcionando uma experiência aprimorada sem complexidade. Isso inclui:

- **AgeTechs:** startups focadas em soluções tecnológicas

para o envelhecimento, desde plataformas de saúde digital até assistentes virtuais para o lar.

- **IA Generativa para Sêniores:** aplicações de inteligência artificial que personalizam o aprendizado, o entretenimento e o suporte à saúde, adaptando-se às necessidades individuais.

- **Wearables e Telemedicina:** dispositivos vestíveis para monitoramento de saúde e plataformas de telemedicina que oferecem acompanhamento médico remoto e personalizado (Techloverz, s.d.).

Saúde e Bem-Estar Integral: uma Abordagem Sistêmica

O foco na saúde para o público 50+/60+ vai além do tratamento de doenças, abrangendo uma abordagem integral que considera aspectos físicos, mentais e sociais. As tendências para 2026 incluem:

- **Saúde Cerebral Sistêmica:** a longevidade cognitiva é vista como resultado da integração entre endotélio vascular, intestino, sistema imune e metabolismo. Estratégias preventivas e personalizadas para a saúde cerebral ganham destaque (Época Negócios, 2026).

- **Biomarcadores de Longevidade:** Saúde óssea e muscular são reconhecidas como biomarcadores cruciais, com o músculo sendo um órgão endócrino e imunomodulador essencial para o controle glicêmico e a prevenção de quedas (Época Negócios, 2026).

- **Dermatologia de Precisão e Epigenética:** avanços em genômica e epigenética permitem abordagens personalizadas para o envelhecimento da pele e a compreensão da idade biológica, que supera a cronológica [Época Negócios, 2026].

Terapia Metabólica: Foco em soluções que atuam no eixo intestino-cérebro, como agonistas de GLP-1 e novos peptídeos, para a saúde metabólica e o gerenciamento de peso (Época Negócios, 2026).

- **Personalização Terapêutica:** a farmácia magistral se consolida como aliada da Medicina 5P (preditiva, preventiva, personalizada, proativa e participativa), permitindo ajustes finos de tratamentos (Época Negócios, 2026).

Trabalho e Empreendedorismo Sênior

O mercado de trabalho está se adaptando à longevidade, com um crescente número de profissionais 50+/60+ buscando novas oportunidades e contribuindo ativamente para a economia:

- **Requalificação e Aprendizado Contínuo:** a demanda por programas de requalificação e o conceito de lifelong learning são essenciais para manter a empregabilidade e a relevância no mercado (Unitrends, 2025).

- **Empreendedorismo Sênior:** há um aumento no número de startups fundadas por pessoas acima de 50 anos, indicando uma tendência de protagonismo empreendedor (Exame, s.d.).

- **Inclusão e Diversidade:** a inclusão de profissionais 50+ é uma pauta mundial, desafiando o etarismo e promovendo o aproveitamento de talentos seniores (HSM Management, s.d.).

Design Universal e Intergeracionalidade

O design de produtos, serviços e ambientes está evoluindo para atender às necessidades de todas as idades, com foco em acessibilidade e intergeracionalidade:

- **Design Funcional e Acessibilidade:** empresas estão

ajustando seus portfólios para o público 50+ com foco em design funcional, acessibilidade e personalização, desde moradias adaptadas até interfaces digitais simplificadas (Opinião RH, 2026; Âncora1, 2025).

- **Conexão Intergeracional:** projetos e iniciativas que promovem a interação e a troca de conhecimentos entre diferentes gerações são fundamentais para uma sociedade mais inclusiva e colaborativa [Gazeta Mercantil Digital, 2025].

Desafios e Oportunidades para Empresas

Embora a Economia Prateada represente uma oportunidade de US\$ 22 trilhões globalmente (Golden, S.W., Stage - Not Age), muitas empresas ainda enfrentam desafios para se adaptar a esse mercado. O principal deles é a persistência de estereótipos e a falta de compreensão da diversidade do público 50+/60+.

A “infantilização” do consumidor sênior e a concentração de esforços de marketing em gerações mais jovens resultam em um despreparo que impede a captura desse vasto potencial (UOL Economia, 2025).

As empresas que se destacarem serão aquelas que:

- **Adotarem a abordagem “Stage (Not Age)”:** focando nos estágios de vida e não apenas na idade cronológica.

- **Investirem em Pesquisa e Desenvolvimento:** para criar soluções inovadoras e personalizadas.

- **Promoverem a Inclusão e a Diversidade:** tanto em seus produtos e serviços quanto em suas equipes de trabalho.

- **Escutarem o Público Prateado:** desenvolvendo pesquisas de mercado aprofundadas e co-criando soluções.

Conclusão

A Longevidade e a Inovação são os pilares para desvendar o futuro da Economia Prateada. O público 50+/60+ não é apenas um segmento demográfico em crescimento, mas uma força transformadora com um poder econômico e social imenso. Ao abraçar a Nova Longevidade, as empresas e a sociedade podem ir além dos estereótipos, criando um futuro mais inclusivo, próspero e vibrante para todas as gerações. A oportunidade de US\$ 22 trilhões está à espera daqueles que repensarem suas estratégias e se dedicarem a entender e servir este mercado dinâmico com inovação e respeito. 🌐



Sérgio Taldo

é especialista em mercado sênior, Fundador e Diretor do Instituto Ctrl+Café – hub de conexão, conhecimento e bons negócios com mais de 10 anos de história. Netweaver, Palestrante e Life Futurist, é colaborador das publicações Revista Reação, Última Hora Online,

Jornal da República Online e Agenda News Petrópolis. Atua na interseção entre neurociência aplicada, comportamento humano e longevidade ativa, desenvolvendo metodologias e projetos que transformam a experiência de envelhecer em vantagem estratégica para pessoas e organizações.

Site: www.ctrlmaiscafe.com.br

Pessoas idosas e pessoas com deficiência em privação de liberdade



A prisão, como instituição, tende a homogeneizar pessoas e necessidades sob rotinas padronizadas. Esse traço estrutural conflita com dois marcadores que exigem atenção individualizada: o envelhecimento (comorbidades, fragilidades, dependência para atividades diárias) e a deficiência (barreiras, tecnologias assistivas, comunicação acessível, adaptações razoáveis). A consequência é a ampliação do risco de violações que podem não aparecer como violência explícita, mas como negligência estrutural: quedas, úlceras de pressão, perda de autonomia, piora de doenças crônicas, isolamento, punições disciplinares por condutas derivadas de limitações funcionais, e restrição de acesso a trabalho/estudo por inacessibilidade.

No Brasil, a Constituição Federal veda o tratamento desumano ou degradante e assegura direitos fundamentais dentro da situação de cárcere. A Lei de Execução Penal (LEP) – Lei Nº 7.210/84, estabelece deveres estatais de assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa, devendo a execução da pena compatibilizar-se com a dignidade humana. Contudo, a prática evidencia um paradoxo: a prisão exige gestão de riscos, mas frequentemente carece do mínimo para administrar o risco mais previsível quando a população envelhece e convive com deficiências - o cuidado continuado.

Marco jurídico

A Constituição é a nossa Carta Magna, a que chamamos também de Constituição Cidadã, sendo a norma suprema que organiza o Estado, limita o poder político e garante os direitos fundamentais. Neste sentido, nenhuma ação estatal pode ultrapassar os limites impostos pelos direitos e garantias fundamentais nela previstos. O Estado só pode punir dentro de limites que preservem a dignidade, a integridade e o núcleo essencial de direitos. Para pessoas idosas e pessoas com deficiência, igualdade não é só “tratamento igual”; é igualdade material, o que exige remover barreiras e oferecer suporte proporcional às necessidades. Como exemplo de uma implicação prática na prisão: se a arquitetura impede a locomoção, se não há comunicação acessível, se a higiene e o banho são inviáveis sem ajuda, ou se a assistência em saúde é insuficiente, o encarceramento passa a agregar sofrimento extrapenal, que é precisamente o que a ordem constitucional busca evitar.

A Lei de Execução Penal (Lei Nº 7.210/84) não se limita a um conjunto de normas de controle, mas estabelece a execução como um sistema de deveres estatais positivos, cujo objetivo é, sobretudo, proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado.

O Estado deve garantir uma assistência e proteção específica, conforme diversas diretrizes normativas no âmbito de Ministérios e Secretarias que temos, como: a Resolução Nº 09/2011 do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, que define diretrizes de arquitetura prisional e acessibilidade; a Política Nacional de Atenção Integral de Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade, através da Portaria Interministerial Nº 1/2014, que integra o sistema prisional ao SUS e outros.

A Lei Brasileira de Inclusão - LBI (Lei Nº 13.146/15) estrutura a deficiência sob o paradigma social: a limitação surge da interação entre impedimentos e barreiras. Logo, a prisão - ambiente intensamente barreiraizado - tende a produzir deficiência (ou agravá-la) quando não adapta espaços, procedimentos e comunicação. Adaptações razoáveis e tecnologias assistivas são chaves: não são “favores”, mas instrumentos de igualdade. Em termos prisionais, isso envolve desde rampas e corrimãos até estratégias de comunicação com pessoas surdas, com deficiência intelectual ou com limitações psicossociais, e provisão de cadeira de rodas/bengalas quando necessárias.

O Estatuto da Pessoa Idosa (Lei Nº 10.741/03) reforça prioridade e proteção integral, o que se torna ainda mais relevante quando a pessoa está sob custódia estatal (situação de dependência institucional). A lógica de “prioridade” deve orientar a triagem.

Para assegurar os direitos das pessoas presas em vulnerabilidades foi publicada uma importante atualização normativa com a instituição da Resolução Nº 487/2023 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Esta norma estabelece a Política Antimanicomial do Poder Judiciário, substituindo as diretrizes emergenciais anteriores e consolidando um modelo de cuidado em liberdade e dignidade para pessoas com transtorno mental ou deficiência psicossocial que estão em conflito com a lei.

Diferente de medidas temporárias passadas, a Resolução Nº 487/2023 determina o fechamento gradual dos Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP). A lógica de isolamento é substituída pelo atendimento na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), vinculada ao SUS.

A norma reforça que o cumprimento de medidas terapêuticas deve ocorrer, prioritariamente, em meio aberto, garantindo que o envelhecimento e as deficiências sejam tratados com acessibilidade e suporte familiar, e não com o isolamento em manicômios judiciais.

No cenário contemporâneo, a discussão sobre a proteção de idosos e Pessoas com Deficiência no cárcere atinge seu ápice com a implementação do Plano Pena Justa (2024-2027). Este plano, fruto da decisão do Supremo Tribunal Federal na ADPF 347, reconhece o sistema prisional como um Estado de Coisas Inconstitucional e estabelece metas compulsórias para o Executivo Federal e Estadual. Para o público idoso e com deficiência, apesar de não ser citado explicitamente no Plano, é um divisor de águas, pois prevê a reestruturação arquitetônica das unidades, o que podemos depreender como o cumprimento das normas de acessibilidade, além de determinar a criação de fluxos de saúde.

Saúde no cárcere e a escassez de profissionais

O ambiente prisional é, por natureza, insalubre. Para um jo-

vem saudável, o estresse e a má alimentação são prejudiciais; para uma pessoa idosa e pessoa com deficiência eles são debilitantes.

A resposta institucional padrão sustenta que a garantia à saúde é ofertada pelo SUS, sendo que o sistema prisional realiza o encaminhamento para a rede quando necessário. No entanto, essa afirmação ignora o abismo logístico e operacional que caracteriza o sistema carcerário brasileiro. O acesso ao Sistema SUS depende da disponibilidade de viaturas e agentes de escolta. Em um cenário de superlotação crônica e déficit de servidores, as saídas para consultas médicas são frequentemente canceladas ou postergadas indefinidamente. O direito à saúde, portanto, fica condicionado à logística de segurança e o caso requer mais cautela quando falamos, especialmente, de pessoas idosas e pessoas com deficiência cujas dores são invisibilizadas.

Sem uma equipe médica mínima “in loco”, a triagem de pessoas idosas e pessoas com deficiência falha. O que seria uma consulta de rotina para controle de diabetes ou hipertensão transforma-se em uma emergência médica por pura omissão assistencial.

Manter uma pessoa idosa ou pessoa com deficiência em uma unidade sem acessibilidade e sem acesso real (e não apenas teórico) à saúde configura um agravamento ilegal da pena. O reconhecimento pelo Supremo Tribunal Federal - STF do Estado de Coisas Inconstitucional (Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental - ADPF 347) valida o argumento de que a falha estrutural do Estado não pode ser usada como justificativa para a violação de direitos fundamentais. A demora no atendimento não é apenas um atraso burocrático, é uma forma de tortura institucionalizada.

Diante dessa paralisia, a Resolução CNJ Nº 487/2023 surge como um imperativo ético. Ao instituir a Política Antimanicomial, o Judiciário reconhece que o sistema prisional não possui - e dificilmente possuirá - estrutura para tratar dignamente pessoas com sofrimento mental ou deficiências psicossociais. O encaminhamento direto à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) busca romper a barreira da grade, garantindo que o cuidado ocorra onde o profissional de saúde realmente está, sem depender da precariedade das escoltas prisionais.

Dados e subnotificação

No entanto, no Brasil, os números oficiais devem ser lidos sob a lente da subnotificação, fenômeno que mascara o real Estado de Coisas Inconstitucional declarado pelo STF. Para compreender a magnitude do desafio da acessibilidade e da longevidade no sistema prisional brasileiro, é necessário realizar um estudo técnico sobre o “Levantamento de Informações Penitenciárias do 1º Semestre de 2025”.

A análise estatística muitas vezes mascara a realidade; por isso, este estudo opta por um recorte realista, contabilizando exclusivamente as pessoas efetivamente presas - aquelas que ocupam o espaço físico das unidades e dependem diretamente da infraestrutura carcerária.

Identifica-se que existem hoje 9.389 pessoas com deficiência e 11.452 pessoas idosas vivenciando o cotidiano das celas no Brasil. Chegar a estes números exige um filtro rigoroso: embora o sistema jurídico registre um contingente maior, apenas os que estão intramuros sofrem as consequências imediatas da falta de rampas, banheiros inacessíveis e da dieta prisional inadequada.

Entretanto, devemos alertar que estes dados são o “piso” e não o “teto” da realidade. A subnotificação é uma ferida aberta no sistema.

A divergência entre diferentes bases de dados oficiais é um dos principais obstáculos para a formulação de políticas públicas. Frequentemente, há falhas no preenchimento de prontuários que deixam de registrar a idade exata ou deficiências que não são contabilizadas.

Considerações finais

A análise jurídica e sociológica converge para um ponto: o Estado, ao custodiar, assume um dever ampliado de proteção. Quando não há acessibilidade, equipes de saúde suficientes e governança de dados, a prisão deixa de ser apenas restrição de liberdade e se converte em máquina de degradação, especialmente para pessoas idosas e pessoas com deficiência.

Conclui-se que o enfrentamento à precariedade do sistema exige a adesão estrita dos tribunais e gestores ao cronograma de ações do “Plano Pena Justa”. A longevidade no cárcere não pode mais ser tratada como um desdobramento natural da pena, mas sim como um indicador de falha do Estado que, ao não cumprir as metas de acessibilidade e saúde, perpetua a inconstitucionalidade denunciada pelo STF. 🌐



Ana Lúcia de Oliveira

é advogada; especialista em direito criminal e direitos da pessoa com

deficiência; palestrante; Conselheira da OAB/Contagem; Conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Contagem/MG, representando a OAB/Contagem. Ex-assessora jurídica dos Conselhos Municipal de Políticas Públicas da Cidade de Contagem/MG. Ex-diretora da Diretoria de Políticas para as Pessoas com Deficiência da Sedese do Estado de Minas Gerais. Ex-Presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Minas Gerais. Ex-Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência da OAB/MG.
E-mail: analuciadireito@gmail.com

A supergripe ao redor do país



processo de multiplicação do vírus, modificando gene do microrganismo.

A variante H3N2

A nova cepa do subtipo A (H3N2), batizada de Darwin ou no hemisfério sul o subclado K, é transmitida por gotículas liberadas no ar quando a pessoa gripada tosse ou espirra.

Sintomas

Febre alta no início do contágio, inflamação na garganta, calafrios, perda de apetite, irritação nos olhos, vômito, dores articulares, tosse, mal-estar e diarreia, principalmente em crianças, mas não sendo exclusivo dessa faixa etária. E período de transmissão de 14 dias em crianças e 7 em adultos.

Prevenção

Pode parecer muito com os meios de prevenção da Covid 19, devido aos meios de contaminação serem parecidos.

Evite aglomerações, use máscaras cobrindo a boca e o nariz, evite compartilhar copos, talheres e outros objetos, cobrir boca e nariz ao espirrar, correta higienize frequentemente as mãos com álcool em gel 70% quando estiverem limpas, ou água e sabonete quando estiverem sujas e mantenha a vacinação contra Influenza em dia.

Em caso de suspeita procure atendimento médico na Unidade Básica de Saúde mais próxima para seguir o devido tratamento. 🌐

A gripe ou influenza são 2 termos para a mesma coisa, mas suas variantes obviamente não são. Enfrentamos uma cepa do vírus influenza A, conhecida como “supergripe”, que tem causado de infecções e mortes. O subtipo H3N2 se destaca por seu alto índice de transmissão e letalidade.

A importância de informação sobre esses tipos de variantes virais é útil a pessoas da terceira idade, portadores de imunodeficiências e a quem tem crianças pequenas.

O que é a gripe ?

Simplificando, é uma doença causada por um vírus do tipo Influenza. O meio transmissão se dão por meio de contato com as secreções das vias aéreas superiores de pessoas contaminadas. Logo, os meios de contágio são espirros, tosse, beijos e contato com a saliva ou a secreção nasal de quem está com o vírus da gripe naquele momento ou mesmo respirar o mesmo ar.

O que são variantes e por que elas surgem ?

As variantes de vírus são mutações ou alterações. Essas alterações são “erros” aleatórios que acontecem no



Marcos Freitas

é pessoa com deficiência, graduado em Biomedicina e ativista na causa PcD.

E-mail: marcos.frts20@gmail.com

“Nem tudo
que é inteiro
precisa ser
duplo”

Valdran Reis

**VALDRAN FERNANDO
DOS REIS (56 ANOS)**

Empresário com
visão monocular. Um
português apaixonado
pelo Carnaval brasileiro

Foto: Kica de Castro
**Maquiagem corporal
e figurino:** André Lima

Pensou em
Acessibilidade,
 Pensou na



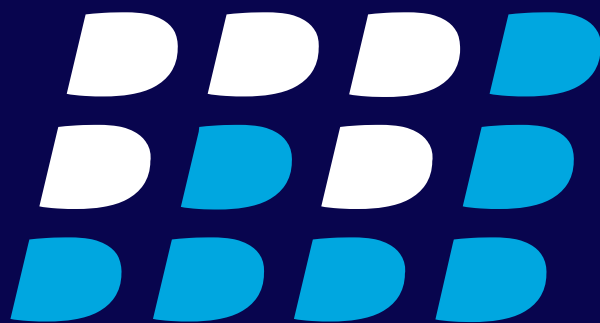
Somos uma empresa de base tecnológica que atua no desenvolvimento de soluções digitais e físicas voltadas à acessibilidade, equidade, inclusão social e saúde.

Contamos com os serviços de:

- ✦ Consultoria arquitetônica
- 📱 Consultoria digital
- 💡 Consultoria comportamental
- 💼 Empregabilidade
- 🚀 Empreendedorismo e empoderamento



CONHEÇA A MAIOR
GRÁFICA BRAILLE
DA AMÉRICA LATINA



FastBraille

ACESSIBILIDADE NA VELOCIDADE NECESSÁRIA

SOMOS A FORMA MAIS RÁPIDA E INTELIGENTE PARA FAZER SUA EMPRESA COMEÇAR A ATENDER, DE VERDADE, PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO.



Sabia que no Brasil somos mais de 6,5 milhões de pessoas com baixa visão e 540 mil pessoas cegas? A impressão braille-tinta vai além de uma obrigação legal, é a tecnologia ideal e insubstituível para assegurar a plena inclusão desse público no uso de documentos, e na leitura de livros, cardápios e materiais de comunicação. Venha participar deste mundo acessível com a Fast Braille.